

NÚMERO 60 • Semana de 5 a 11 de Maio de 1976.

avante

UNIDADE NA ACÇÃO — A FORÇA DOS TRABALHADORES

Preço 5\$00

COTP - IN
CENTRO DE
DOCUMENTAÇÃO
51376
NE
11

VIVA A UNIDADE DOS TRABALHADORES!



1.º MAIO 1976



SAUDAÇÃO DO GEN. COSTA GOMES AOS TRABALHADORES

O General Costa Gomes, Presidente da República, enviou aos trabalhadores concentrados no Estádio 1.º de Maio, nessa data histórica do trabalhador, a seguinte mensagem, que foi lida aos microfones:

"Associando-me à vossa festa comemorativa do Dia Mundial do Trabalhador, envio a todos os trabalhadores do meu país sinceras felicitações, pedindo a vossa colaboração, generosa e actuante, indispensável à reconstrução de Portugal.

Solicito-vos que torneis extensiva a todas as delegações de trabalhadores de países estrangeiros e amigos as felicitações que vos endereço. A sua participação na vossa festa vem estreitar os laços tão necessários da fraternidade humana, condição básica para o estabelecimento da paz".



VIVA O 1.º DE MAIO



Mesmo que o céu se abata sobre a terra, é verdade a esperança e azul o firmamento. Se Maio existe é porque o Povo existe. A vitória, hoje, é já como um futuro.

Em face da penumbra do passado, existe em cada peito um sol ardente para aquecer-te, irmão, em cada queda e levantar-se em cada hesitação.

Sabemos que há passado e que há presente, que outros foram futuro do que somos. E em cada pedra cimentada em sangue traçaram rumos novos que hoje são.

Tenhamos a coragem de juntar osso por osso os sonhos que somaram torrentes e caminhos inventados para que ao fim e ao cabo hoje sejamos.

Peça, degrau, pilar, prumo, ousadia, o Homem tem sido o sol e o rumo certo. Apenas fraquejaram os que perderam a confiança nas próprias asas de aço.

A tarefa é difícil. Sempre o foi. Será cada vez mais. Mas, em contraste, o Povo cerra os dentes da unidade, vencendo, ao sol da luta, a hora da história.

NADA NEM NINGUÉM APAGARÁ O PROFUNDO SIGNIFICADO HISTÓRICO DESTE PRIMEIRO DE MAIO



1 — Com os cravos de Abril ao peito e a bandeira dos trabalhadores ao alto foi festejado em todo o País o dia primeiro de Maio, com alegria, combatividade e confiança num futuro que queremos livre, democrático e socialista, em solidariedade, paz e amizade com todos os povos do mundo. Estamos confiantes que nada e ninguém podem apagar o profundo significado histórico deste primeiro de Maio. Ele permanecerá como um marco na história do nosso povo, como exemplo dos profundos anseios de unidade dos trabalhadores na defesa e aprofundamento das conquistas revolucionárias e da democracia. Ele é também um testemunho da firme vontade de paz e amizade com todos os povos e de um Portugal soberano, independente e socialista.

2 — A Intersindical Nacional e restantes organizações sindicais e sociais, realizaram a jornada do primeiro de Maio em 32 localidades, nomeadamente:

Aveiro — S. João da Madeira — Beja — Aljustrel — Braga — Riba d'Ave — Guimarães — Castelo Branco — Covilhã — Évora — Faro — Guarda — Leiria — Marinha Grande — Vieira de Leiria — Caldas da Rainha — Valado dos Frades — Peniche — Castanheira de Pera — Lisboa — Portalegre — Porto — Santarém — Torres Novas — Setúbal — Grândola — Barreiro — Sines — Viana do Castelo — Vila Real e Viseu.

Estiveram representadas em Portugal, a convite da Intersindical Nacional, as seguintes confederações estrangeiras:

FDGB — República Democrática Alemã, UGTA — Argélia, UNTA — Angola, FCTB — Bélgica, CCSB — Bulgária, ROH — Checoslováquia, FGSC — Coreia, CTC — Cuba, CGT — França, CUT — Chile, SZOT — Hungria, CCSP — Polónia, UGSR — Roménia, CCSS — União Soviética, Comissões Obreras — Espanha, FSM — Federação Sindical Mundial.

Até agora recebemos saudações dirigidas aos trabalhadores portugueses e sua central sindical —

Intersindical Nacional, das seguintes confederações sindicais:

CFDT — França, STUC — Escócia, CCSY — Jugoslávia, FSV — Vietname, CMT — Confederação Mundial do Trabalho e ainda da Associação Democrática do Trabalho dos trabalhadores emigrados de Genebra. Este primeiro de Maio, sendo uma festa de unidade nacional, foi também uma demonstração da solidariedade internacional para com os trabalhadores portugueses e sua luta por uma sociedade melhor, livre da exploração do homem pelo homem.

3 — Nesta grandiosa jornada vieram para a rua centenas de milhares de trabalhadores, festejar em unidade as conquistas alcançadas, consignadas na Constituição, e mostrar a sua determinação na luta pela sua aplicação, pela construção da democracia e pelo socialismo. Os trabalhadores portugueses mais uma vez demonstraram que são capazes de navegar no barco que os une e de afastar os escolhos que os dividem. Mostraram também a necessidade da unidade das forças progressistas para combater a reacção e o fascismo e provaram ser possível a instauração de uma sociedade democrática, rumo ao socialismo.

4 — O secretariado da Intersindical Nacional agradece a todos os trabalhadores e massas populares, às suas organizações sindicais e sociais, às Câmaras Municipais, à Direcção-Geral de Desportos, ao INATEL, aos órgãos de informação, a todas as organizações que participaram e colaboraram para engrandecer este glorioso primeiro de Maio.

Em nome dos trabalhadores portugueses, o secretariado da Intersindical Nacional, agradece ao sr. Presidente da República, general Costa Gomes, a mensagem amistosa que lhes foi dirigida.

Pelo secretariado da Intersindical Nacional.
Lisboa, 3/5/76.

EM BRAGA UNIDADE CONTRA O CAPITAL

Em Braga, as comemorações do 1.º de Maio revestiram-se de particular importância. Tal como noutras zonas do País era visível a satisfação dos trabalhadores por poderem celebrar, mais uma vez, o 1.º de Maio como o seu dia de emancipação.

O comício realizado naquela cidade contou com um grande número de trabalhadores que assinalaram, através de palavras de ordem insistentemente repetidas, a sua determinação de caminharem, de futuro, mais unidos, em torno dos Sindicatos, na luta contra a exploração e o fascismo.

A abrir o comício falou um representante do Sindicato do Vestuário, que salientou a importância da união dos vários Sindicatos na luta contra o capital.

Seguidamente, usaram da palavra representantes dos Sindicatos dos Metalúrgicos e da Construção Civil, tendo estes mostrado apreço pela celebração do 1.º de Maio na rua e não no Teatro-Circo onde os festejos estavam a decorrer. O Sindicato dos Metalúrgicos apelou para a unidade

dos trabalhadores.

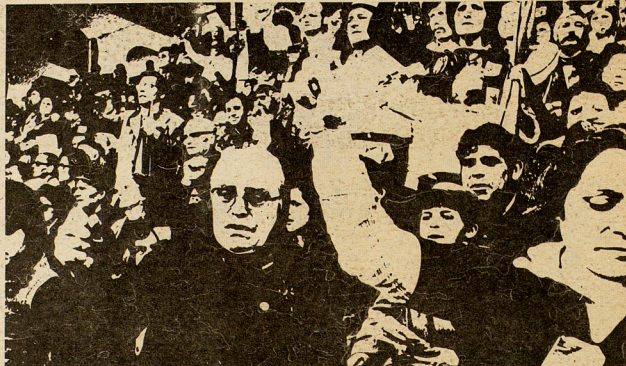
Da intervenção dos camaradas da União dos Sindicatos de Braga há que referir o perfeito enquadramento das comemorações do 1.º de Maio com as perspectivas de luta dos trabalhadores, numa zona onde o capital e a reacção imperam.

«Não esqueceremos os companheiros que caíram mortos durante a negra noite fascista, ao comemorar o 1.º de Maio;»

«Não esqueceremos a desventurada exploração e a miséria a que estivemos submetidos;»

«Saberemos dar resposta adequada àqueles que ameaçam as nossas conquistas e lutaremos por melhores condições de vida. Poremos fim à exploração. Construiremos um Portugal democrático, rumo ao socialismo.»

Em nome da União dos Sindicatos,



aquele camarada fez uma calorosa saudação a todos os trabalhadores presentes, exortando-os a união nas fábricas e nos campos e tendo chamado as mulheres e os jovens a participarem na luta por um futuro melhor.

Especial referência tiveram ainda as tarefas de organização sindical e verticalização, como forma de capacitar e melhor preparar os trabalhadores para a defesa dos seus direitos.

O 1.º DE MAIO A NÍVEL CONCELHIO

As comemorações do 1.º de Maio foram ainda assinaladas em várias zonas industriais.

Em Barcelos, onde decorriam as festas das Cruzes, os trabalhadores das fábricas juntaram-se aos trabalhadores do campo, tendo feito uma jornada conjunta de luta e de festa.

Em Fafe tiveram lugar festejos semelhantes.

Em Riba d'Ave — Delães, cerca de 1500 trabalhadores sobretudo têxteis, integraram-se nas comemorações do 1.º de Maio. Estiveram presentes representantes da União dos Sindicatos de Braga, Sindicato dos Têxteis de Delães e Metalúrgicos, que usaram da palavra para explicar e aprofundar o significado do 1.º de Maio, como Dia Mundial do Trabalhador, salientando a necessidade da união entre todos os trabalhadores, como condição para a vitória.

Nos festejos, como motivo de júbilo, integraram-se o Rancho Folclórico dos Pescadores das Caxinas de Vila do Conde e um conjunto popular de Joane, que alimentaram o tempo de convívio que se seguiu ao Comício.

Em Guimarães, o Dia do Trabalhador foi comemorado com uma extraordinária participação das massas trabalhadoras.

A manhã começou com os sinos das igrejas alertando para a festa. Os mais jovens vestiram o calção e

entregaram-se a diversas práticas desportivas. O torneio de futebol realizado entre grupos de Sindicatos teve a sua final já no dia 2 de Maio. Nas provas de Atletismo integraram-se cerca de 150 elementos.

Ao princípio da tarde, numa manifestação de grande popularidade, desfilarão alguns ranchos pelas ruas da cidade, tendo arrastado consigo considerável número de populares que vieram a concentrar-se no Estádio Municipal, de lá seguindo para a Alameda da Resistência ao Fascismo, onde se realizou o Comício com intervenções alusivas à data do 1.º de Maio, por parte de camaradas do Sindicato Têxtil de Guimarães, Construção Civil, Vestuário de Braga e União dos Sindicatos de Braga. Assistiram ao Comício cerca de 10 000 pessoas.

O final das comemorações, que mais uma vez primaram pela unidade de todos os trabalhadores, contou com a participação de dois ranchos folclóricos e alguns conjuntos, que vieram a proporcionar um ambiente de franco convívio e camaradagem.

EM VIANA DO CASTELO UMA JORNADA QUE OS TRABALHADORES NÃO ESQUECERÃO

A jornada comemorativa do 1.º de Maio, nesta cidade, teve início nos dias 29 e 30 de Abril, com a actuação de grupos de teatro e Canto Livre, na Praça da República.

A alvorada do dia Mundial do Trabalhador, foi anunciada ruidosa e alegremente por grupos de «Zés Perceiras» e bandas de música, que despertaram a cidade e a conduziram em grande número, ao Pavilhão Gimnodesportivo, onde a juventude deu mostras de habilidade e perícia, nas provas de atletismo, futebol feminino, voleibol, basquetebol, etc, ai realizadas.

No Jardim Público a gincaça de bicicletas atraiu muita gente

que regozijou com as vitórias e derrotas de uns e outros.

Os trabalhadores acorreram em massa à concentração-comício realizada da parte da tarde, na Praça da República, que estava inteiramente decorada com bandeiras da Intersindical e disticos alusivos ao 1.º de Maio.

De salientar, o clima de unidade que se viveu, na luta contra o fascismo, contra o capital, pela democracia e pelo socialismo.

De referir, ainda a, grande participação de jovens e de mulheres, nestes festejos.

Durante a realização desta concentração-comício,

intervieram, os camaradas Ângelo de Freitas, pelo Secretariado da Intersindical Nacional, Henrique de Sousa, em nome da União dos Sindicatos de Viana do Castelo, Edmar Oliveira, elemento do Conselho de Trabalhadores dos Estaleiros Navais de Viana, o empregado bancário Amadeu Silva e o Presidente do Sindicato da Construção Civil de Viana do Castelo, Jacques.

Antes de findar esta concentração-comício, com a realização de Canto Livre e a actuação de grupos corais e folclóricos, foram aprovadas duas moções que, a seguir, transcrevemos.

MOÇÃO

«Os manifestantes presentes em Viana do Castelo no 1.º de Maio, solidarizam-se com os trabalhadores de Espanha, oprimidos pela ditadura fascista, neste Dia Mundial do Trabalhador.»

— VIVA O INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO
— MORTE AO FASCISMO.»

MOÇÃO

«Os trabalhadores reunidos na Praça da República de Viana do Castelo, repudiam energeticamente que os pides

assassinos e torturadores do Povo português, durante 48 anos de fascismo, sejam postos em liberdade, para praticarem os atentados bombistas de que tantos antifascistas têm sido vítimas.

— MORTE À PIDE
— MORTE AO ELP E A QUEM O APOIAR
— VIVA O 1.º DE MAIO.»

Durante a noite e para além de novas actuações de grupos de teatro e Canto Livre, as muitas pessoas que se concentravam na Praça da República, entregaram-se a animado baile.



EM PORTALEGRE DEFENDER A CONSTITUIÇÃO CONTRA A REACÇÃO

Os trabalhadores de Portalegre saíram para a rua a comemorar o seu dia. Pelas 8 da manhã, uma alvorada pela Banda do Alegrete despertou a população portalegrense para a jornada do 1.º de Maio, cujos festejos iriam decorrer ao longo do dia. Das 9 e 30 às 12 e 30 efectuaram-se várias provas de atletismo para juvenis, futebol entre o Centro Popular de Trabalhadores de Alentejo e os trabalhadores da Frineve (Lisboa), e ainda a exibição do rancho folclórico da Boavista. Cerca do meio dia, na Serra de S. Mamede, realizou-se um almoço campestre, que contou com a participação de centenas de populares que, alegremente, se dispuseram ao almoço «colectivo».

«O comício iniciar-se-á após a

concentração, pelas 15 horas, no Rossio e o desfile pelas ruas de cidade até ao Pavilhão do Estádio Municipal. Militares de trabalhadores participaram activamente nesta grandiosa jornada. Ao longo do percurso e durante a realização do comício as palavras de ordem gritadas expressavam, bem, que os trabalhadores deste país não querem continuar a ser explorados: «A esquerda dá a mão não avança a reacção»; «Trabalho sim, despedimentos não»; «Reforma Agrária sim, latifúndios não»; «Intersindical contra o capital»; «Subida de preços não, de salários sim»; «Trabalhadores organizados jamais serão explorados»; «Primeiro de Maio na rua, a luta continua»; «Atenção operário o comício é necessário»;

«Defender a Constituição contra a reacção».

Durante a realização do comício discursaram representantes do Sindicato dos Têxteis, da União dos Sindicatos de Portalegre, da Intersindical, dos trabalhadores da Função Pública e dos Trabalhadores Agrícolas. Logo no início, falou um camarada do Sindicato dos Têxteis que abordou o problema do controlo operário e a necessidade da sua defesa. O trabalhador da função pública falou dos problemas sobre a constituição do seu Sindicato (da função pública). De novo usou da palavra um camarada do Sindicato dos Têxteis que se debruçou sobre o papel da mulher na Revolução. A intervenção seguinte, teve a cargo de um representante dos



Trabalhadores Agrícolas. A Reforma Agrária e todos os seus problemas foi o tema dominante desta intervenção. Sobre a formação do Secretariado da União de Portalegre e o seu conhecimento público, falou o representante da União Local. Finalmente, Carlos Carvalhas, em nome da Intersindical, abordou problemas relacionados com o movimento sindical português.

Após a realização do comício teve lugar nova jornada desportiva. Desta vez aconteceu andebol de sete com as equipas da Casa do Povo de Gavião e Casa do Povo de Vila Velha de

Rodão, defrontando-se. Às 21 e 30, no Ginásio do Magistério verificou-se uma sessão de canto livre e a peça de teatro «As Espingardas da Mãe Carrar».

A semelhança do que aconteceu noutros locais, também, em Portalegre as comemorações do 1.º de Maio prosseguiram no dia 2. Futebol entre as equipas da Casa do Povo do Crato e da Casa do Povo de Monforte e a peça de teatro «O Pão de cada dia» pelo grupo cultural Banda Vermelha de Arroches completaram as festividades do Dia do Trabalhador, na capital do Alto Alentejo.

EM VILA REAL

QUEM NÃO QUER A UNIDADE?

Também em Vila Real de Trás-os-Montes centenas de trabalhadores aderiram à jornada do 1.º de Maio.

Logo de manhã, pelas 8 horas, esta cidade transmontana foi acordada por uma salva de morteiros que lhe deu o anúncio das festividades que se aproximavam. Com efeito, pelas 10 horas, Zés Pereiras percorreram as ruas da cidade chamando a atenção do povo para as comemorações do Dia Mundial do Trabalhador.

Às 11 horas iniciou-se a jornada desportiva, tendo-se então, procedido, à inauguração da piscina. Este melhoramento foi recebido com entusiasmo pela população local, que viu assim, concretizado um dos seus desejos. Após esta inauguração seguiu-se um jogo de futebol entre seleccionados dos campeonatos do Inatel.

Os festejos prosseguiram após o almoço. Nova salva de morteiros, pelas 14 e 30, alertou a população para o reinício dos festejos. E mais uma vez a música fez a sua aparição. Um concerto musical pela Banda de Música de Mateus, na Av. Carvalho Araújo, deu de novo o toque festivo às comemorações do 1.º de Maio nesta cidade de Trás-os-Montes. Pelas 15 horas iniciou-se o comício, que contou com a participação de centenas



de trabalhadores. Usaram, então, da palavra representantes dos Sindicatos de Construção Civil, Rodoviários, Cerâmicos e da União dos Sindicatos de Vila Real. Os discursos proferidos versaram, na generalidade, a unidade dos trabalhadores

contra o capital e a reacção; contra o aumento do custo de vida e contra o capitalismo. Os trabalhadores, presentes no comício, gritaram várias palavras de ordem, entre as quais destacamos: «Trabalho sim desemprego não»; «Unidade

Sindical contra o capital»; «Capitalistas não, não regressarão»; «Os reformados não serão abandonados»; etc. De seguida, ranchos folclóricos exibiram-se perante as centenas de pessoas que assistiam ao comício. Ainda no

dia 1, às 21 e 30, no Salão dos Bombeiros Voluntários de Salvação Pública, aconteceu noite de teatro com o grupo LUMEN.

ANTES E DEPOIS DO DIA 1.º DE MAIO

Já no dia 30, os trabalhadores desta cidade começaram a festejar o seu dia. Assim, no ginásio da escola técnica o Grupo Coral Nossa Senhora do Socorro deu início à celebração do 1.º de Maio.

Também no dia 2 os festejos prosseguiram. Novas salvas de morteiros, pelas 8 e 15 horas, e mais uma vez, a Banda de Música, desta vez de Nogueira, abrilhantou as celebrações. Canto Livre por amadores e nova noite de teatro com o grupo de Favatos puseram fim a mais esta jornada de festa e luta. Os trabalhadores de Vila Real comemoraram com alegria e em tom festivo o Dia do Trabalhador.

Esta jornada do 1.º de Maio foi organizada pelos Sindicatos da Panificação, Rodoviários, Construção Civil, Cerâmica, Electricistas do Norte, União dos Sindicatos de Vila Real e contou com a participação do INATEL da FAOJ e da Direcção-Geral dos Desportos.

1.º DE MAIO NO PORTO

OS TRABALHADORES UNIDOS JAMIS SERÃO VENCIDOS

Os trabalhadores acordaram cedo no dia 1.º de Maio. Bandeiras vermelhas, cartazes, disticos, autocollantes alusivos à jornada davam à cidade um aspecto inconfundível. Era impossível, a quem quer que seja, mesmo aqueles, pouco, para quem o 1.º de Maio não constitui dia de festa e de balanço das lutas dos trabalhadores, era impossível, diziamos, não nos apercebermos da diferença. As festas, as lutas dos trabalhadores, são diárias. Não há, para os explorados, festa sem luta. Não há, para os que trabalham, luta sem festa. A festa e a luta deram as mãos neste 1.º de Maio, e deram a certeza a toda a gente que o caminho para a justiça, mais ou menos longo, mais ou menos difícil, será certamente atingido.

O 1.º de Maio no Porto começou mais cedo. Mas não só no Porto. Em muitos pontos do país, as comemorações do Dia Mundial do Trabalhador tiveram início na Sexta-feira, ao mesmo tempo. Na capital, nortenha, uma noite cultural e recreativa preencheu o programa que iniciou as comemorações da data. Em organizações populares da cidade e arredores, grupos teatrais fizeram o teatro popular que mais se adequava à jornada, cumprindo o seu papel de impulsionadores de uma nova cultura, longe das influências das velhas burguesas que enchem ainda as nossas salas de espectáculos. Foi festa e luta. Foi 1.º de Maio.

Logo pela manhã do dia 1, a unidade que caracterizou a jornada começou a desenhá-se. Pelas 9 e 30, bandeiras de mais de cinquenta Sindicatos, Federações, e USP/Intersindical foram hasteadas na Praça General Humberto Delgado. Ainda pela manhã, trabalhadores participaram na "Prova 1.º de Maio", percorrendo 5000 metros metros até entrarem no pista do Estádio das Antas. Aqui, crianças puderam participar em inúmeras provas desportivas, no que foram seguidas por encontro de futebol entre equipas de jogadores inscritos no Inatel e um misto de jogadores das 1 e II divisões.

Entretanto, as ruas da cidade eram percorridas por grupos de zés-paraís, que alertavam a população trabalhadora para as comemorações que se prolongariam por todo o dia. Em coros espalhados pela cidade, bandas e fanfaras interpretavam algumas conhecidas melodias, mais ligadas à revolução portuguesa e às conquistas dos trabalhadores. A cidade acordou em festa.

De tarde, os milhares de metros quadrados que compõem o centro da cidade estavam literalmente pechados de gente. Cartazes às centenas: «Não ao aumento do custo de vida», «Reforma Agrária sim, latifúndios não», «Lutar, lutar, Controlo operário», «medidas imediatas contra o desemprego», «não ao regresso dos capitalistas», e «trabalhadores

unidos jamais serão vencidos», que foi um dos slogans mais gritados durante todo o dia.

Por volta das 4 horas da tarde, o País iniciou a concentração comício programada.

VIVA O 1.º DE MAIO!

O operário carpinteiro Barros, em nome da USP/Intersindical, leu a saudação aos trabalhadores presentes, que reproduzimos: «Camaradas:

Em nome da Comissão Organizadora das Comemorações do 1.º de Maio no Porto, queremos saudar todos os trabalhadores aqui reunidos nesta grandiosa jornada de festa e unidade.

É o 1.º de Maio uma jornada de unidade dos trabalhadores do mundo inteiro. Mas, para os trabalhadores portugueses, tem o 1.º de Maio um significado especial. Durante 48 anos de fascismo, apesar da violenta repressão, os trabalhadores portugueses comemoraram o 1.º de Maio em grandes jornadas de luta pelas liberdades, contra a exploração e a opressão do regime fascista, apoiado pelos monopolistas e latifundiários.

Hoje, aqui como em todo o país, estamos a comemorar livremente o nosso 1.º de Maio, exercendo na prática uma das grandes conquistas que alcançamos com o 25 de Abril e que estamos firmemente dispostos a defender — as liberdades democráticas.

Para os trabalhadores portugueses e para o seu movimento sindical têm muita importância todas as vitórias conseguidas pelo nosso povo no caminho da consolidação da democracia e das conquistas alcançadas desde o 25 de Abril.

Por isso, ao comemorarmos o 1.º de Maio este ano, temos obrigação de recordar aqui dois acontecimentos recentes de grande importância para os trabalhadores portugueses: A entrada em vigor da Constituição e as eleições realizadas para a Assembleia da República.

A Constituição consagra as grandes conquistas do nosso povo desde o 25 de Abril: as liberdades democráticas, nomeadamente a liberdade sindical, as Nacionalizações, a Reforma Agrária, o controlo das empresas pelos trabalhadores, o direito à greve, a proibição do Lock-Out.

Por isso, as forças reaccionárias não estavam interessadas em que esta Constituição entrasse em vigor, tudo fardó, por isso, para que ela não seja cumprida.

Por isso, é que os trabalhadores portugueses tudo farão para que ela seja cumprida.

Porque a Constituição é uma arma nas mãos dos trabalhadores para a defesa das suas conquistas, dos seus direitos.

Também os resultados das eleições para a Assembleia da República não são indiferentes para os trabalhadores portugueses. E para as suas organizações unitárias — o Movimento Sindical e as Comissões de Trabalhadores.

As eleições traduziram a derrota das forças reaccionárias. Os trabalhadores portugueses sabem por experiência própria o grande significado dessa derrota. Antes das eleições, em muitas empresas, o patronato ameaçava os trabalhadores com a repressão e o agravamento da exploração após as eleições, esperando a vitória eleitoral das forças reaccionárias.

As eleições, porém, traduziram a vitória da unidade dos trabalhadores, empilhados na defesa das conquistas alcançadas.

Significam claramente a vontade dos trabalhadores em verem concretizada essa unidade na formação de um governo que prossegue uma política de defesa dos interesses do povo trabalhador, de consolidação das conquistas alcançadas. Que realize uma política progressista para a solução do problema do desemprego, para a estabilização dos preços, para a actualização dos salários, para obrigar o patronato a cumprir de facto os contratos colectivos, para a defesa das Nacionalizações, da Reforma Agrária e do Controlo Operário. Que afaste definitivamente o perigo do regresso dos monopolistas e latifundiários, ao controle da nossa economia.

Camaradas: Os trabalhadores portugueses têm boas razões para se regozijarem em estas vitórias. De facto, fomos nós, trabalhadores, com a nossa luta diária no campo e na cidade, nos locais de trabalho, contra a recuperação capitalista, contra o aumento do custo de vida, em defesa das liberdades e de todas as conquistas que alcançamos, reforçando nessa luta a nossa unidade, que contribuímos decisivamente para essas vitórias. Por isso também lutaremos para a sua consolidação.

Os trabalhadores, unidos e organizados, são a melhor barreira contra todos quantos pretendem liquidar a democracia e anular as conquistas que alcançamos.

O elevado número de sindicatos, cerca de cinquenta, que participaram na organização das comemorações do 1.º de Maio deste ano no Porto é prova clara da unidade crescente dos trabalhadores. Igualmente é prova do fortalecimento dessa unidade e da organização do Movimento Sindical Português. Porque os trabalhadores não podem actuar divididos na defesa dos seus interesses que são comuns.

Camaradas: Com esta grandiosa jornada de unidade que é a comemoração do 1.º de Maio, reforçamos a nossa união

de nos locais de trabalho, nos Sindicatos e nas Comissões de Trabalhadores, para a defesa dos nossos interesses, as grandes conquistas alcançadas desde o 25 de Abril, para o cumprimento da Constituição onde elas estão consagradas.

Fortalecendo a nossa unidade, vamos constituir um Governo que seja a expressão da unidade dos trabalhadores e prossegue uma política de defesa dos interesses dos trabalhadores.

Viva o 1.º de Maio
Viva a unidade de todos os trabalhadores portugueses
Viva a unidade do Movimento Sindical Português

CONTRA A RECUPERAÇÃO CAPITALISTA CONTRA O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA POR MEDIDAS IMEDIATAS CONTRA O DESEMPREGO

Mário Portugal, da Direcção do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito do Porto, intervém em seguida:

«Camaradas: Os grandes capitalistas, desalçados das posições que lhes permitiam controlar a economia nacional e impor os seus interesses pessoais na orientação do país, vêm procurando retomar os lugares que lhes serviam para nos explorar intensamente.

Pretendem voltar aos tempos de antes do 25 de Abril, e estão dispostos a tudo para o conseguirem.

O ponto de partida da sua investida, é o regresso às empresas que abandonaram, sabotaram ou pretendem fazer encerrar. O seu objectivo final, é reconquistar as empresas nacionalizadas para o poder dos grandes grupos monopolistas.

Nesta investida, os capitalistas nacionais têm encontrado o apoio do capital estrangeiro, porque os interesses que defendem são precisamente os mesmos: o capital nacional e internacional pretende voltar a explorar a mão-de-obra portuguesa como o fazia antes do 25 de Abril.

Só a unidade dos trabalhadores contra a exploração capitalista permitirá que a nossa economia seja colocada ao serviço dos trabalhadores.

Os consumidores, cuja maioria somos nós, trabalhadores, têm deparado com falta de produtos essenciais no mercado. Os que estão à venda, só podem ser comprados por aqueles que mais ganham.

Contrastar com esta situação, em algumas regiões as cooperativas e os pequenos e médios produtores agrícolas debatem-se com dificuldades crescentes no abastecimento de sementes e equipamentos. Entre os produtores e os consumidores, desenvolvem-se intermediários parasitários,

que, intencionalmente, provocam faltas nos abastecimentos, açambarcam, especulam e fazem subir os preços que todos nós temos que pagar.

O abastecimento de produtos essenciais, em vez de ter sido afastado do controle dos importadores/armazenistas privados, tem sido entregue à garantia de lucro dos grandes comerciantes.

«Ao contrário da luta que importava mover contra aqueles que passam para Espanha o gado que nós necessitamos, e que abateram criminosamente animais para podermos especular com o preço da carne, estamos a importar carne pelo mais alto preço, prejudicando o produtor nacional, o consumidor e as finanças públicas.

É a protecção aos interesses dos intermediários e dos capitalistas, que está na origem da alta do custo de vida.

Camaradas: Devemos exigir medidas imediatas que beneficiem todos os consumidores. Devemos lutar pelo congelamento dos preços de venda dos produtos de primeira necessidade.

Temos que lutar pelo afastamento dos intermediários parasitas, dos circuitos de distribuição.

Camaradas: O desemprego é uma consequência do sistema económico capitalista. É certo que o desemprego não pode ser banido a curto prazo. Mas é ainda mais certo que, se não se tomam medidas radicais e urgentes, o desemprego aumentará inevitavelmente no nosso país.

«Que estamos a ver, camaradas, é que os capitalistas nacionais, ligados à CIP, e os estrangeiros da Timex, por exemplo, estão a impor ao Governo uma política que serve os seus interesses, contra os de todos nós.

Em vez de medidas contra o desemprego, vemos sair legislação que permite aos patrões reduzir o tempo de trabalho semanal para três dias.

A prosseguir esta política, seremos nós que pagaremos a crise que foi provocada pelos capitalistas.

A manobra do capital já é muito velha. Em primeiro lugar, despede milhares de trabalhadores e aumenta o desemprego. A seguir, «oferece-nos» postos de trabalho, pelo salário que mais lhe convém, e pretende ainda por cima que lhe prestemos os nossos agradecimentos.

Aqui, como em tudo, os interesses dos capitalistas são antagónicos com os dos trabalhadores.

Camaradas: O desemprego só acabará numa sociedade em que o Estado esteja ao serviço dos trabalhadores, contra os interesses individuais de um reduzido número de indivíduos, que tudo querem colocar ao serviço dos seus



interesses pessoais e egoístas. A resolução do problema do desemprego passa, em grande parte, pela planificação do desenvolvimento da sociedade portuguesa, tendo em conta os reais interesses dos trabalhadores. E isto, só um Estado que não sirva os interesses dos capitalistas o pode fazer.

Deverão ser definidas, a curto prazo, prioridades de lançamento e desenvolvimento das actividades básicas, de entre as quais se podem referir a habitação social, o aproveitamento das riquezas naturais, a pecuária, os lacticínios, a agricultura, as pescas, o turismo interno, de entre outras.

Camaradas:
Como se pode verificar todos os dias, os fascistas não desistem de tentar restaurar a ditadura terrorista dos monopólios e latifúndios, e do imperialismo.

Um dos maiores obstáculos às intenções dos fascistas, é a unidade dos trabalhadores e a força de um movimento sindical cosco e determinado na luta pelos interesses gerais e mais profundos dos trabalhadores.

E assim, camaradas, que devemos evitar todos os esforços de divisão dos trabalhadores, as campanhas contra o Movimento Sindical e os atentados terroristas.

Camaradas:
Em terras como Viseu, Vila Real, Bragança e outras, as liberdades democráticas, a liberdade de acção sindical, são letra morta. Nestas zonas, os dirigentes, delegados e trabalhadores mais activos são constantemente ameaçados e mesmo agredidos.

As acções terroristas têm ido desde ataques contra delegados e dirigentes dos sectores Têxtil, Lanifícios, de Vestuário e Corderoios, até às ameaças telefónicas contra militantes sindicais, passando por atentados bombistas simultâneos contra cinco sindicatos de Braga, assaltos seguidos de destruição de carros de dirigentes e activistas, para além das inúmeras agressões a militantes sindicais.

O que os fascistas pretendem, é paralisar a acção do Movimento Sindical pela intimidação, pela desunião e desorganização dos trabalhadores, preparando o campo para o retorno da exploração desenfreada.

Camaradas:
É necessário que lutemos unidos e organizados, sem desfalecimentos, contra todas as formas de terrorismo.

O terrorismo praticado pelos fascistas, é uma forma de desacreditar aos olhos do povo, as liberdades duramente conseguidas em 25 de Abril de 1974.

Neste momento, sucedem-se as ameaças às liberdades sindicais:

— Despedem-se delegados e dirigentes sindicais;

— Comissões democraticamente eleitas pelos trabalhadores são substituídas por outras, formadas por quem mais convém aos patrões.

O patronato tem aproveitado a falta de informação de muitos trabalhadores utilizando-os para lançar a divisão e a confusão entre os trabalhadores, para melhor os explorar.

E o que tem acontecido em muitas empresas, nomeadamente dos sectores têxtil, de vestuário, metalúrgico e outros, com graves prejuízos para

os trabalhadores e para a própria economia nacional.

Estas manobras dos patrões, têm dificultado a acção de esclarecimento dos delegados e dirigentes sindicais, que encontram cada vez maior dificuldade na sua actuação em defesa dos interesses dos trabalhadores.

Como já denunciámos, há zonas do país em que os militantes sindicais não podem actuar às claras, porque os terroristas fascistas os escolhem como alvo para os seus atentados.

E tudo isto porquê, camaradas? Isto acontece, porque aos exploradores do povo português não convém de forma nenhuma, um forte e unido movimento sindical, que desenvolvesse uma acção eficaz na defesa dos interesses dos trabalhadores.

Camaradas:
Lutemos com firmeza contra aqueles que sempre nos exploraram, e pretendem voltar a submeter-nos à sua repressão terrorista.

Lutemos todos, com determinação, pela defesa das liberdades sindicais.

— NÃO AOS INTERMEDIÁRIOS PARASITAS

— NÃO AO AUMENTO DO CUSTO DE VIDA

— NÃO AO TERRORISMO CASTIGO PARA OS FASCISTAS.

— VIVA A UNIDADE DO MOVIMENTO SINDICAL.

— VIVA A UNIDADE DOS TRABALHADORES

— VIVA O 1.º DE MAIO

PELA REFORMA AGRÁRIA PELA NACIONALIZAÇÃO, PELO CONTROLO OPERÁRIO

O camarada Nobre, dirigente sindical do Sindicato dos Metalúrgicos do Distrito do Porto, abordou na sua intervenção a luta dos trabalhadores portugueses pela defesa da Reforma Agrária, das Nacionalizações, e do Controlo Operário:

—**Camaradas:**
Antes do 25 de Abril os sectores básicos da nossa economia eram dominados pelos grupos monopolistas, e funcionavam de acordo com os interesses pessoais dos grandes capitalistas e financeiros.

Na Banca, os dinheiros dos depositantes serviam para financiar os jogos da Bolsa, para especular com acções, para montar empresas fantasma para onde eram desviados capitais, e para transferir divisas para o estrangeiro.

Os grupos monopolistas, impunham aos consumidores as condições de mercado que mais lhes convinhão. Com essa política, "engoliram" um grande número de pequenas e médias empresas, incapazes de suportar a concorrência com os monopólios, lançando desde modo para o desemprego milhares de trabalhadores.

Com o seu poder económico, ditavam as leis que subordinavam aos seus interesses pessoais os interesses dos trabalhadores, e até os dos pequenos e médios comerciantes e

industriais. No mercado externo, as trocas comerciais eram feitas de acordo com as soluções que mais lucro traziam para os grandes capitalistas, sem que fossem levados em conta os interesses dos trabalhadores e consumidores.

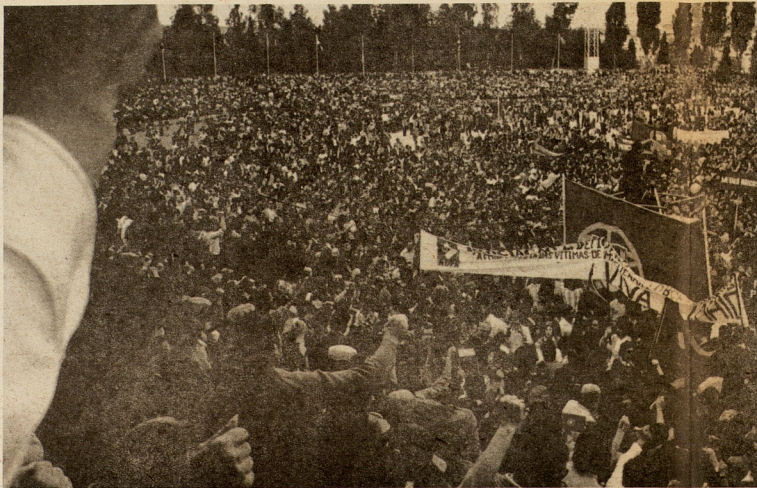
As Nacionalizações, camaradas, para serem eficazes, impõem que os sectores básicos da nossa economia sejam colocados ao serviço das necessidades essenciais dos trabalhadores, através de um plano de desenvolvimento global da economia portuguesa. É também necessário que as empresas nacionalizadas sejam reestruturadas urgentemente, de forma a produzirem o melhor a mais baixo preço, e, sobretudo, a produzirem aquilo que é realmente necessário para os trabalhadores portugueses.

Esta reestruturação económica, deve ser feita tendo em vista a criação de novos postos de trabalho. Isto é, é preciso que as empresas nacionalizadas cumpram para com a sociedade portuguesa o papel que os grandes capitalistas não estiveram, nem estarão dispostos a fazê-las cumprir.

Por tudo isto, os trabalhadores defendem as Nacionalizações, mas Nacionalizações ao serviço dos trabalhadores.

Camaradas:
Durante o fascismo, meia dúzia de grandes agrários possuíam mais de metade das terras cultiváveis no nosso País. Essas terras, como sabemos, não eram utilizadas para satisfazer as necessidades da população.

VITÓRIA DA UNIDADE VITÓRIA DOS TRABALHADORES



A unidade de todos os trabalhadores contra o capital e a reacção, a defesa da Constituição, da Reforma Agrária, das Nacionalizações e do Controlo Operário, constituiram o tema central em torno do qual se desenrolaram os festejos do 1.º de Maio deste ano III da nossa Revolução.

Largas centenas de milhar de trabalhadores saíram para a rua, em todo o País, transformando este dia numa jornada de festa e luta, demonstrando a sua inabalável vontade em levar por diante a construção de uma sociedade mais justa.

Ficou, ainda, demonstrado que a unidade de todos os trabalhadores é uma realidade, apesar das manobras que a reacção tem levado a cabo para dividir os trabalhadores, nomeadamente, o seu Movimento Sindical Unitário. Talvez por isso, no Estádio 1.º de Maio, em Lisboa, mais de cem mil trabalhadores fizeram ressurgir uma palavra de ordem bem conhecida de todos nós: O POVO UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO!

Logo pela manhã Lisboa acordou ao som de foguetes e bandas da música dando, assim, começo a uma série de iniciativas desportivas e culturais. Pelas 11 horas, mais de 90 atletas amadores partiram da Praça dos Restauradores em direcção ao Estádio 1.º de Maio. Ao mesmo tempo, alguns milhares de crianças dedicaram-se à prática de diversas modalidades desportivas, pintura e modelagem, expandindo, deste modo, as suas energias e imaginação.

CONCENTRAÇÃO E DESFILE

Muito antes da hora aprazada para o início do desfile, já a Alameda D. Afonso Henriques e ruas circunvizinhas apresentavam uma impressionante animação. Homens e mulheres e crianças, que ali tinham vindo para participarem no desfile do 1.º de Maio, concentravam-se, esperando o momento da partida. Milhares de trabalhadores, das mais variadas profissões, com seu ar feliz, roupas leves sob um quente sol primaveril, movimentavam-se, procurando lugares mais propícios para melhor poderem assistir ao

desfile. Ou, então, para encontrarem os companheiros de trabalho para, lado a lado, marcharem sob o seu estandarte sindical ou sob a sua bandeira de profissão.

Enormes bandeirinhas, sustentadas por vigorosos braços, de numerosos sindicatos marcharam, durante algum tempo, contra a corrente humana, em sentido contrário ao que iria ter, daí a pouco, o desfile, pela necessidade de se integrarem na ordem em que, para a manifestação, tinham sido previamente indicadas, por sorteio.

Uma banda de música veio chegando. Tocava a popularizada canção revolucionária, "Venceremos, Venceremos", a que

as gentes se associavam, à sua passagem. E a multidão saudou-a, com muitas palmas. Depois, um enorme grupo de trabalhadores de "o diário", com dezenas de cartazes e tabuletas em que se inscrevia "a verdade a que temos direito", foi igualmente muito aplaudido, em todo o percurso.

Para a testa da manifestação, trabalhadores empunhavam tabuletas com a indicação das profissões participantes no grande desfile, ali irmanadas pelo mesmo direito/dever de comemorarem condignamente o "Dia Mundial do Trabalhador".

Encabeçado por membros da segurança, a que se seguia a banda

de música, o desfile começou, cerca das 15,30 horas.

Em compactas moles humanas, com gritos de "Reforma agrária, sim, latifúndios, não", "Intersindical, unidade sindical, contra o capital", "Trabalhadores unidos jamais serão vencidos", "Capitalistas não, não regressarão" e outras palavras de ordem previamente seleccionadas, a multidão foi desfilando, atrás dos seus estandartes e cartazes. Durante horas, foram milhares e milhares de trabalhadores marchando em filas cerradas, que cantavam canções revolucionárias e que gritavam palavras de ordem, seguindo as bandeiras e as bandeirinhas das seus sindicatos, os quais estavam incorporados, como a seguir indicamos: Sindicatos

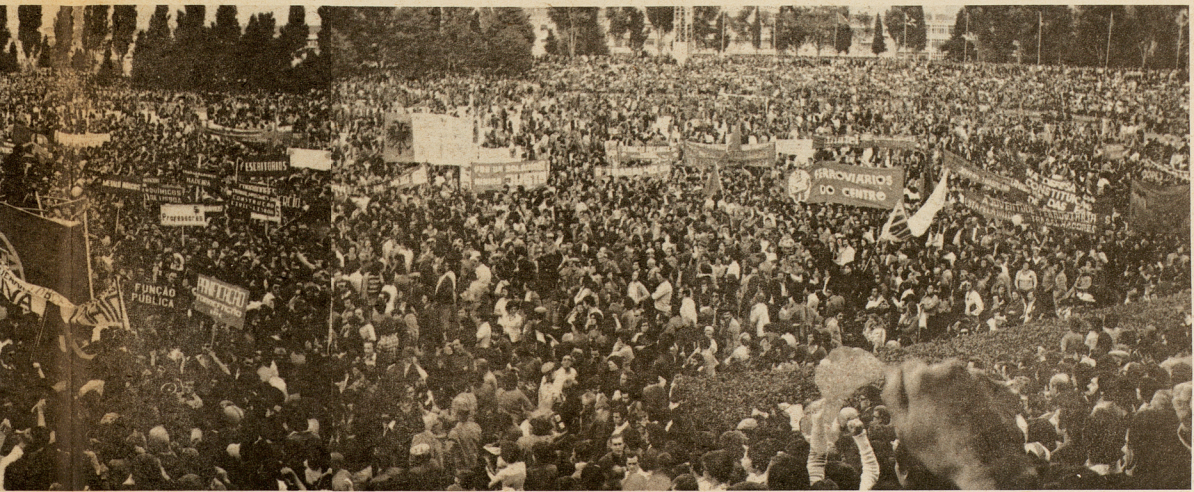
Agrícolas, dos Ferroviários, da Hotelaria, dos Cap. Nauticos, dos Carp. Navais, dos Seguros, dos Médicos, da Imprensa, dos Químicos, dos Serviços Sociais, dos Domésticas, dos Cobradores, dos Jornalistas, dos Escritórios, da Função Pública, dos Curives, da Panificação, dos Engenheiros, dos Farmacêuticos, dos Espectáculos, do Cinema, do Comércio, das Garagens, dos Electricistas, das Madeiras, dos Construtores Cívicos, dos Vidreiros, dos Jogadores de Futebol, dos Economistas, dos Maq. e Mot. da Marinha Mercante, das Telecomunicações, dos Técnicos de Desenho, etc.

O POVO UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO

Entretanto, o Estádio do 1.º de Maio começava já a ser pequeno para conter os manifestantes que vinham a caminho.

Pelas 17 horas menos 5 minutos, foi anunciada através dos altifalantes a chegada da cabeça da





TRABALHADORES

manifestação. Imediatamente, um enorme grito surgiu: "O Povo Unido Jamais Será Vencido!"

Para lá dos Sindicatos já numerosos foram aparecendo cartazes que marcavam a presença de trabalhadores de diversas empresas, designadamente, Petrolgal, Messa, Copan, Datsun, Uic, Guérin, CCN além de muitas outras que não nos foi possível registar.

Também as Comissões de Trabalhadores da Cintura Industrial

de Lisboa se fizeram representar através de um grande cartaz da CIT, bem como os deficientes das Forças Armadas através da sua Associação. Pelas 17 horas e 20 minutos, apesar do estádio se encontrar praticamente cheio, fomos informados de que a cauda da manifestação se encontrava ainda no início da Avenida dos Estados Unidos da América. A informação, naturalmente, foi recebida com entusiasmo.

Por fim, o comício previsto teve o seu começo. Uma camarada do Secretariado da União dos Sindicatos de Lisboa procedeu à saudação e apresentação das Centrais Sindicais estrangeiras que, através das Delegações presentes, participaram no nosso 1.º de Maio, solidarizando-se, assim, com a luta neste momento travada por todos os trabalhadores portugueses.

Estiveram representadas as seguintes Centrais Sindicais: FDGB (República Democrática da Alemanha), UGTA (Argélia), UNTA (Angola), CGB (Bélgica), ROH (Checoslováquia), FSM (Federação Sindical Mundial), FGSB (Coreia), CTC (Cuba), CGT (França), CUT (Chile), SZOT (Hungria), CCSP (Polónia), UGSR (Roménia) e CCSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas).

Usou da palavra, em seguida, um camarada representante do Sindicato dos Trabalhadores Bancários do Distrito de Lisboa que, após ter saudado todos os presentes salientou que "a unidade é possível apesar de nestes dois anos nem sempre ter sido conseguida". No decorrer da sua intervenção este camarada lembrou ainda que devemos estar atentos à tentativa de recuperação capitalista a que se vem assistindo, sobretudo desde o 25 de Novembro. Para tanto, adiantou ser necessário "que os trabalhadores apliquem e aprofundem o controlo operário nas suas empresas".

Quase a terminar a sua

intervenção declarou: "A nossa unidade avisa a burguesia mais uma vez derrotada nas eleições, de que não tenha veleidades para nos dividir..."

Do camarada representante do Sindicato dos Operários Metalúrgicos do Distrito de Lisboa, destacamos o seguinte passo da sua intervenção: "As eleições para a Assembleia da República são a prova evidente de que nós dizemos não ao fascismo. Os trabalhadores votaram nas nacionalizações, na Reforma Agrária, no Controlo Operário e nas liberdades democráticas".

USL: SÓ NA UNIDADE VENCEREMOS

Após ter usado da palavra um camarada da Federação dos Têxteis e Lanifícios, dirigiu-se aos manifestantes o camarada Manuel Coelho membro do Secretariado da União dos Sindicatos de Lisboa. Eis a sua intervenção:"

Camaradas:

Foi há dois anos que neste mesmo local os trabalhadores, o povo da região de Lisboa, comemorou o 1.º de Maio na liberdade por que tantos lutaram e morreram, na liberdade por que todos ansiávamos.

Foi graças a essa luta, a esses lutadores, à acção dos jovens capitães de Abril, ao apoio do povo, que a odiosa ditadura de Salazar-Caetano foi finalmente derrubada.

Nesse 1.º de Maio de 1974, a plenos pulmões, gritámos: "VIVA A LIBERDADE!" "O POVO UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO!"

Nesse 1.º de Maio milhares de trabalhadores viram pela primeira vez homens e mulheres, heróicos combatentes, que por força do

fascismo, estavam presos, exilados ou na clandestinidade.

Nada nem ninguém poderá apagar o significado desse 1.º de Maio. Ele é um marco na História do nosso povo, é um exemplo a cultivar e desenvolver. O seu significado é profundo e transcende as nossas fronteiras. Todo o mundo assistiu, maravilhado, a esse glorioso 1.º de Maio.

No 1.º de Maio de 1974 dávamos os primeiros passos na nossa Revolução. O espírito de unidade então criado, fez com que o

seão, possíveis na unidade.

Aos golpes poderosos que o movimento popular assentou no poder dos monopólios e latifúndios, a grande burguesia e os seus lacaios, tudo fizeram, tudo tentaram, para nos dividir, para impedir o progresso da nossa Libertação, para recuperarem os privilégios perdidos.

Essa tentativa de recuperação tem-se verificado em várias frentes e a diversos níveis:

São os violentos ataques à heróica luta dos operários agrícolas e dos pequenos e médios agricultores pelo



movimento popular ganhasse rapidamente grande pujança.

A instauração das liberdades democráticas e sindicais foram, e são, vitórias da unidade.

A Reforma Agrária, as nacionalizações, o controlo operário foram, e são, conquistas da unidade.

A melhoria do nível de vida dos trabalhadores, o salário mínimo nacional, os cadernos reivindicativos, os contratos colectivos de trabalho foram, e são, conquistas da unidade.

A luta contra os despedimentos, contra a sabotagem económica, pela aplicação do controlo operário foram,

avanco e consolidação da Reforma Agrária, caluniando, mentindo, deturpando: E a legislação antipovo, o aumento do custo de vida, as dificuldades criadas às empresas em gestão operária;

E o encerramento e selagem pelas forças policiais de empresas controladas pelos trabalhadores, como sucedeu na Joaquim Francisco dos Santos, na Sanimar, na Gómes de Castro & Irmão;

E a criação de condições para o regresso impune do patronato sabelador a empresas salvas pelo

(Continua na pág. 12)



EM COIMBRA O POVO DESCEU À RUA

Sob a égide da unidade, o 1.º de Maio em Coimbra foi um êxito. Todos os sindicatos aderentes à Intersindical, bem como ao Inatel e a outras organizações aderentes ou não, desmentaram a sua missão na organização de todo o programa.

Assim, no dia 1 de manhã, onze ranchos folclóricos partiram dos vários pontos do distrito, parando em várias localidades, com itinerário organizado até chegar ao parque da Serela nesta cidade. Com eles veio o povo que se aglomerou no local apreciando a exibição dos ranchos e das filarmónicas. Paralelamente, decorria no Teatro Avenida uma sessão

cultural infantil com o Grupo Citec, de Montemor-o-Velho, e o Grupo Musical Infantil do Inatel, de Coimbra.

A partir das 12 horas podíamos ver os trabalhadores e suas famílias a confraternizarem em almoço-conívio.

Às 15.30 horas, a Praça da República foi cenário de um tapete humano, colorido pelas bandeiras das organizações sindicais e outras, cartazes, ranchos, filarmónicas, etc. O desfile decorreu na melhor ordem e civismo, gritando as palavras de ordem pré-estabelecidas, cantando canções revolucionárias e durante cerca de três horas o povo trabalhador ocupou a cidade, entrando no

Estádio Universitário de St.ª Clara cerca das 18.15 horas. À tribuna subiram os representantes dos Sindicatos, da Comissão Organizadora, Inatel e da União dos Sindicatos. Presentes também a radiodifusão, repórteres fotográficos, etc. O representante de cada direcção dirigiu em nome do seu sindicato uma saudação a todos os trabalhadores do centro do País e do mundo inteiro.

A Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra quis estar presente solidariamente com uma mensagem escrita. Do mesmo modo, os trabalhadores expulsos da Rádio Renascença fizeram-se ouvir, firmes na sua luta de

continuar ao serviço de todos os explorados. Seguiram-se quatro intervenções escritas: uma elaborada pelo Grupo dos Sindicatos de Serviços, outra dos Sindicatos Operários e de seguida a comissão organizadora. Finalizou a intervenção a União dos Sindicatos.

Às 21.30 horas realizou-se no Teatro Avenida mais uma sessão cultural pelo Grupo de Danças e Teatro GEFAC.

No dia 2 de Maio, houve, das 9 às 14 horas, grande movimentação desportiva de quase todas as modalidades, com intervenientes de todas as idades.

Também às 9 da manhã, foi aberto um mercado no Parque Dr. Manuel Braga, desta cidade, com a colaboração das cooperativas e empresas em autogestão, onde o povo ocorreu em grande número.

Às 15 horas, deu-se início à merenda-conívio, seguida de danças, teatro e canto livre, terminando cerca da 1 hora da manhã do dia 3.

Participaram nesta sessão cultural o Rancho Folclórico de Pereira Campo, o Grupo dos Pioneiros de Pias, CITAC (teatro ao ar livre), rancho local de Serpa. Houve também canto livre, com vários elementos já conhecidos do povo trabalhador.

EM VISEU FESTA DOS TRABALHADORES PARA TRABALHADORES

Em Viseu, o 1.º de Maio foi «Festa de Trabalhadores para Trabalhadores», numa organização dos Sindicatos desta cidade, com a colaboração do INATEL, do FAQJ (Fundo de Apoio às Organizações Juvenis), da Comissão de Turismo, da Junta Distrital, da Direcção-Geral dos Desportos e da Câmara Municipal.

As comemorações iniciaram-

se com uma salva de morteiros, de desfile de bandas de música, pela cidade.

A animar este Dia Mundial do Trabalhador, realizaram-se provas de atletismo, encontros de futebol, cortejos, representações teatrais e exibição de ranchos folclóricos.

Da parte da tarde, um trabalhador leu uma alocução alusiva ao 1.º de Maio.



NA PÓVOA DE VARZIM QUANDO O POVO ACORDOU

A população da cidade poveira também ocorreu e participou à grandiosa jornada que constituiu o dia 1.º de Maio.

Assim que da parte da manhã uma banda musical tenha percorrido as ruas da cidade, permanecendo com mais insistência, nos bairros operários e de pescadores, a pedido

destes.

De tarde, ranchos folclóricos e Canto Livre, preencheram o programa das comemorações.

A noite, o programa completou-se com a realização de um festival de música amador e com a projecção de um filme chileno, intitulado «Quando o povo acordou».

EM PENAFIEL FESTA DE UNIDADE DOS TRABALHADORES DO CAMPO

Penafiel, berço do primeiro Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Norte, comemorou o Dia do Trabalhador, não no dia 1 de Maio, mas sim no dia 2. Completamente desprotegidos pela lei, os trabalhadores agrícolas do Norte, não viram ainda consagrado legalmente o direito de comemorarem o Dia do Trabalhador.

Mesmo assim, os trabalhadores não deixaram de se organizar e sob o lema de «Festa de Unidade dos Trabalhadores do Campo» eles participaram numa jornada de festa e de luta, a que deram a sua colaboração alguns grupos folclóricos e fanfarras.

Os festejos organizados pelo MARN e pelo Sindicato dos

Trabalhadores Agrícolas do Distrito do Porto e Braga prosseguiram objectivos de luta bem demarcados em palavras de ordem como: «Não aos despedimentos»; «Sim à imediata aplicação da lei do arrendamento»; «Sim à defesa do pequeno agricultor»; e «Não aos grandes agrários».



EM SETÚBAL O FUTURO É A VIA DA COMPREENSÃO DA AMIZADE E DA UNIDADE

1.º de Maio no Distrito de Setúbal. Ao longo do percurso que percorremos, provas desportivas, crianças a pintar, desporto infantil, música, bailes. Mas sobretudo o encontro de trabalhadores vindos de lados diversos e que se encontraram, se (re)conheceram, trocaram entre si pedaços da sua experiência e a alegria de se sentirem camaradas. Este foi o dado fundamental, tudo o resto foi pretexto. O que confere um significado concreto às palavras que um elemento do secretariado da União dos Sindicatos de Setúbal proferiu, na sua intervenção: — **Existem condições para a unidade, e estamos convencidos de que ela se realizará.** A condição principal era aquela: **trabalhadores vivos, conscientes, reunidos numa festa.** Na festa de serem trabalhadores e estarem juntos.

Em Setúbal, falámos com um elemento do Secretariado para o 1.º de Maio junto da União dos Sindicatos do Distrito de Setúbal. Disse-nos que se haviam experimentado dificuldades, que os 48 anos de fascismo semearam obstáculos, ao nível da sensibilidade dos próprios trabalhadores, para algumas das iniciativas que se haviam lançado. Mas acrescentou que tudo acabara por ser ultrapassado.

E nós vimos que sim. Vimos que o mais importante estava amplamente conseguido: a

unidade na prática, na alegria comum, nas esperanças partilhadas. Talvez por isso um responsável de uma cooperativa agrícola nos disse, confiante: — **O espírito de unidade entre todos os trabalhadores deve existir, e só assim se podem consolidar as conquistas já alcançadas.** Só dentro deste pensamento se vai poder levar por diante a maior conquista da Revolução, que é a Reforma Agrária. E, mais tarde, em Grândola, dois trabalhadores disseram-nos o mesmo de um modo menos formal mas talvez mais bonito: — **Gostamos muito do 1.º de Maio; é o dia mais importante do ano. É um dia de alegria para os trabalhadores!**

Como quem diz que a alegria é a unidade. Que o importante é estarem os trabalhadores juntos, lado a lado.

Em Sines, falámos com crianças. Havia lá provas desportivas para elas, apesar da falta de condições no que respeita a locais e instalações. A organização conseguiu, apesar disso, promover provas de voleibol, andebol de sete, basquetebol, salto em altura. E os miúdos estavam contentes. Estavam a estar, na prática, que o 1.º de Maio é alegria e convívio. E também conquista, que «dantes» não havia destas coisas.

— **Acho que o 1.º de Maio é alegre,** disse-nos um. **É a maneira da malta praticar desporto e reunir-se. E outro:**

— **Acho que o 1.º de Maio é um dia muito bom para mim. Posso fazer ginástica e estar o dia inteiro com os outros amigos.**

Estar com os outros, aí está a grande festa. Sabem-nos os miúdos e sabem-nos os grandes. Como um elemento da Comissão de Moradores do Bairro da Esperança, em Grândola, que nos salientou que nos festejos não acontece a menor desordem nem atropelos. Como que surge espontaneamente uma disciplina natural. Que vem da consciência de que, uma vez juntos, os trabalhadores sentem que as coisas entre eles estão como devem estar. Todos de um só lado: do lado da esperança, da luta comum. Do lado dos trabalhadores.

Isto chama-se consciência de classe. Foi-nos sublinhada por um retornado de Angola que encontramos em Ceu das Rosas (que nomes lindos que o Povo inventa para a terra!), perto de Grândola. Aquelle homem estivera em Angola durante quatro anos e agora, de regresso, impressiona-o a grande consciencialização que descobre nos trabalhadores, quer sejam operários quer homens do campo. E fala-nos do carácter extremamente positivo de algumas das conquistas por eles alcançadas, como a Reforma Agrária, que já assume para os trabalhadores o significado de primeira experiência de uma sociedade diferente e de

condições de vida inteiramente novas.

Sobre a Reforma Agrária falámos, por exemplo, com dois trabalhadores de Alcácer do Sal. E ouvi-los, e ficar a entender porque é que a Reforma é de facto irreversível. É que eles têm agora a percorrer-lhe os braços a seiva da terra que já não é alheia, de um qualquer proprietário ausente, distante e explorador.

E sabem que não estão sós. Que estão com eles todos os trabalhadores portugueses, os que trabalham ali mesmo ao lado e os que estão mais longe na geografia, mas igualmente perto na luta. De onde a importância da intervenção sindical e da participação dos trabalhadores nas tarefas dos Sindicatos, sublinhada por Carlos Soares, do Secretariado da União de Setúbal, numa sua intervenção: — **Davemos cada vez mais viver junto dos nossos Sindicatos, colaborando com eles, e lembrarmo-nos de que os Sindicatos não são só os elementos que compõem as direcções, mas sim todos os trabalhadores, porque as muitas tarefas que há a desenvolver requerem efectivamente a participação activa e concreta de todos nós.** Todos temos de ser efectivamente verdadeiros militantes sindicais. Temos efectivamente de reforçar mais a nossa unidade, pois só assim poderemos parar com êxito as

investidas do grande capital. E, quando falamos de unidade, apontamos para as tarefas prioritárias a desenvolver: a defesa das liberdades alcançadas após o 25 de Abril.

Nós apontamos para a consolidação da democracia nós apontamos para a via correcta rumo ao Socialismo, ao Socialismo que os trabalhadores querem. Apontamos muito especialmente para a defesa das nacionalizações e da Reforma Agrária, e para a aplicação imediata do controlo operário. Por tudo isto, apelamos para realizações concretas que reforcem a unidade. Porque assim, camaradas, assim venceremos.

É um trabalho duro que assim desenha estas palavras? É, é um trabalho duro. Mas não é o trabalho, nem o combate, que assusta os trabalhadores. Sobretudo quando estão juntos, uns perto dos outros, a saberem pela sua experiência directa que estão no caminho certo e na luta justa. Que todos eles, trabalhadores, são da mesma massa e têm os mesmos interesses. Como disse Beatriz Santana, do Secretariado da Intersindical Nacional:

— **Os interesses dos trabalhadores são comuns, independentemente da sua língua, cor, raça, religião ou condição social.**

EM CASTELO BRANCO UNIDADE LUTA FESTA

A exemplo do que aconteceu por todo o País, os trabalhadores do distrito de Castelo Branco festejaram amplamente o 1.º de Maio. Também neste distrito a unidade de todos os trabalhadores constituiu a nota mais saliente desta jornada de luta.

As comemorações, realizadas pela respectiva União dos Sindicatos e pelo INATEL, tiveram lugar em 4 localidades daquele distrito, nomeadamente Covilhã, Castelo Branco, Tortosendo e Cebolais de Cima. Foi assim que a população da Covilhã despertou pelas 7 horas da manhã ao som de foguetes e de marchas executadas pela banda da cidade que durante algumas horas desfilou pelas

ruas.

Pelas 10 horas, teve início uma manifestação a que aderiram cerca de 1500 pessoas que, após desfilerem por quase toda a cidade, se concentraram na Praça do Município, tendo tido lugar um comício. Dirigiram-se a os manifestantes representantes dos Sindicatos dos Têxteis e Lanifícios, Comércio e Escritório e a União dos Sindicatos locais.

A partir das 14 horas, o Parque Florestal da Covilhã serviu de cenário a um convívio-merenda a que compareceram cerca de 4000 pessoas. Este comício contou ainda com a participação de Adriano Correia de Oliveira e de alguns cantores

covilhanenses que, desta forma, animaram os festejos.

Finalmente, à noite, foi projectado o filme «Greve-Ocupação», na sala de cinema da Feira das Actividades Económicas da Covilhã.

Em Tortosendo, à semelhança do que se passou na Covilhã, também uma banda de música alegrou as ruas da localidade. Ainda durante a manhã, realizou-se um comício que contou com a participação de cerca de 1000 pessoas tendo usado da palavra um representante do Sindicato dos Têxteis e Lanifícios.

Quanto a Castelo Branco, após a alvorada pelas 7 horas da manhã, teve lugar um desfile de Zés Pereriras a partir das 9 horas.

A tarde, pelas 17 horas,

realizou-se um comício na Praça do Município a que assistiram perto de 1500 pessoas.

Dirigiram-se aos manifestantes representantes dos seguintes Sindicatos: Comércio e Escritório, Lanifícios, Construção Civil e União dos Sindicatos de Castelo Branco.

Seguiu-se uma sessão de fados e canto livre, no Pavilhão da DEVESA, tendo sido projectado, já durante a noite, o filme «Greve-Ocupação».

O Povo de Cebolais de Cima também festejou este 1.º de Maio. A exemplo de outras localidades uma banda de música alegrou este dia de festa realizando-se, à tarde, uma concentração seguida de desfile pelas ruas da aldeia.



UNIDADE NA DEFESA DAS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS E NO COMBATE AO TERRORISMO

(Continuação da pág. 9)

esforço dos trabalhadores, com intervenção do Estado, como a Têxtil Manuel Gonçalves, Pão de Açúcar, Martins & Rebelo.

É a chantagem das multinacionais que, aproveitando-se da falta de firmeza e das hesitações do ministro do Trabalho, pretendem reduzir horários, despedir em massa como na Têxtil.

É a campanha caluniosa e provocatória contra todas as lutas dos trabalhadores na defesa dos postos de trabalho e da economia nacional.

É a recusa em promover as necessárias reconstrução e coordenação dos sectores nacionalizados de forma a desenvolver a economia em benefício das camadas mais desfavorecidas do nosso povo.

São os assaltos, os panfletos anónimos, as intimidações, os fechos de empresas, os despedimentos, as restrições aos nossos direitos na empresa, as resistências ao controlo operário, as calúnias, os ataques terroristas, os assassínios!

Mas os trabalhadores têm sabido resistir, reforçando a sua unidade nas empresas e as suas organizações de base, não permitindo a grande burguesia avançar tanto quanto pretendia e pretende.

Não podemos consentir que a direita, derrotada nas eleições, se aproveite da nossa divisão para instaurar o seu poder, a repressão, a exploração desenfreada, o fascismo. Impedir que esta perspectiva se concretize é o dever de todos os trabalhadores, é o dever de todos os patriotas!

Defender e aprofundar as nacionalizações, a Reforma Agrária, aplicar o controlo operário são tarefas que importa concretizar com rapidez.

Defender e pôr em prática a Constituição, que consagra conquistas fundamentais, da revolução, é uma necessidade dos trabalhadores, do povo.

Camaradas:

Desde então, até hoje, temos passado por avanços e recuos. Avançamos na Unidade e, contudo, algumas vezes, por não termos sido capazes de a salvaguardar dos ataques dos nossos inimigos.

Os erros cometidos, o oportunismo, o aventureirismo, o reformismo devem servir-nos para reflexão colectiva nas empresas, nos sindicatos, onde quer que nos juntemos para encontrarmos as melhores formas de, em unidade, trabalharmos para todos.

E, camaradas, dizemo-lo hoje, neste 1.º de Maio, jornada de Unidade e Luta: a União dos Sindicatos de Lisboa esforçar-se-á por alargar a unidade de acção às mais amplas camadas de trabalhadores do nosso distrito, esforçar-se-á por defender a

unidade contra todos os nossos inimigos; dará todos os passos necessários ao seu reforço, tendo sempre em conta a defesa dos direitos e conquistas dos trabalhadores e a satisfação dos nossos interesses imediatos e futuros.

Camaradas:

Hoje, desta grandiosa jornada do 1.º de Maio, saímos mais unidos, mas não podemos subestimar as forças que sempre nos tentaram dividir e que vão continuar a fazê-lo.

Ao empenharmo-nos, decididamente, em todas as conquistas, em todas as fases do nosso processo revolucionário, assumimos, graves, mas honrosas, e o espírito de estabilidade e de Esforçar-nos-emos por cumprí-las. Foi na unidade que avançamos.

E na unidade que nos defendemos, e na unidade venceremos.

Viva o 1.º de Maio!
Viva a unidade dos trabalhadores!
Viva a Intersindical!

INTERSINDICAL CONTRA O CAPITAL

Falou por fim o camarada José António Alves, membro do Secretariado da Intersindical Nacional.

Camaradas:

A todos os trabalhadores portugueses, a Intersindical Nacional dirige as mais calorosas saudações. Saudamos todos os Sindicatos, Unões e Federações, cujo trabalho tem garantido, mesmo nas mais difíceis condições, o reforço da unidade e organização do Movimento Sindical Unitário.

As Comissões de Trabalhadores e a todas as estruturas unitárias do movimento popular, realçamos a nossa actuação solidária.

Dirigimo uma saudação especial às Centrais Sindicais de outros países e às Confederações Mundiais, cuja presença entre nós é a expressão da solidariedade internacional da luta dos trabalhadores portugueses contra a reacção e o fascismo, pela consolidação da Democracia.

Estamos certos de que os laços de cooperação e a solidariedade entre as nossas organizações se reforçarão cada vez mais, demonstrando que os interesses dos trabalhadores são comuns, apesar de todas as diferenças de língua, cor, raça, religião e situação social e confirmando que a via do Progresso e do Futuro é a via do Compreensão, da Amizade e da Unidade.

Camaradas:

O 1.º de Maio simboliza a luta do proletariado mundial pela sua

libertação económica, política e social.

Simboliza o heroísmo e a grandeza do seu combate contra a exploração do Homem pelo Homem, pela libertação da Humanidade de todas as formas de opressão.

Desde 1886, a primeira grande jornada de luta da classe operária dos Estados Unidos pelo horário das 8 horas, é este dia que os trabalhadores levantam bem alto a sua bandeira e reafirmam a sua solidariedade com todos os explorados e oprimidos do mundo.

D aqui expressamos a solidariedade militante dos trabalhadores portugueses a todos os Povos do Mundo e, em particular, àqueles que ainda se encontram sob o jugo do fascismo, como o Povo mártir do Chile e, bem perto de nós, o Povo de Espanha.

Aos povos irmãos de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e S. Tomé, que finalmente se libertaram do longo domínio colonial, garantimos que tudo faremos para o reforço da cooperação e da amizade mútuas, cujas raízes mergulham bem fundo na luta comum que travamos contra o fascismo e o colonialismo.

Camaradas:

O 1.º de Maio é uma jornada de Unidade, de Luta e de Festa.

De Unidade porque esta é o profundo anseio das massas trabalhadoras; de Luta pelo que ainda há a conquistar, e de Festa pelo que já foi conquistado.

A instauração das liberdades democráticas e sindicais, as nacionalizações dos sectores básicos da economia, o avanço da Reforma Agrária, a instauração do Controlo Operário, são conquistas para as quais os trabalhadores e o seu Movimento Sindical contribuíram decisivamente e constituem já o património do Povo português.

Património que a Constituição consagra e em cuja defesa nos bateremos firmemente de forma a "abrir caminho para uma sociedade socialista".

A recuperação capitalista destas conquistas acentuará a exploração dos trabalhadores à custa da sua repressão, favorecendo o regresso do capitalismo monopolista e jacobinista, agravando a dependência económica do imperialismo, condições intimamente ligadas à restauração do fascismo.

É isso que pretendem os inimigos jurados do nosso povo, as forças do capital, da reacção e do fascismo, cujas acções terroristas são bem o testemunho dos seus métodos criminosos e do desmascaramento das suas intenções.

É isso que pretendem aqueles que, aproveitando-se das liberdades conquistadas no 25 de Abril, pretendem anular essas mesmas liberdades, combatendo as nacionalizações, o controlo operário e a reforma agrária, sabotando a

economia, despedindo trabalhadores, recusando-se a cumprir os contratos colectivos, aumentando os preços, propagando o obscurantismo, combatendo a organização sindical e popular.

É contra estas forças, é contra esta política, que temos de estreitar a nossa UNIDADE!

Foi contra estas forças, é contra esta política, que o Povo Português se manifestou inequivocamente nas eleições para a Assembleia da República.

O Povo Português pronunciou-se pela defesa das liberdades democráticas, das nacionalizações, da reforma agrária, do controlo operário;

Pronunciou-se por uma maioria de esquerda que defende as conquistas consagradas na Constituição.

Os Trabalhadores disseram não a reacção e ao fascismo.

Os trabalhadores disseram sim à resolução concreta dos seus problemas imediatos.

Disseram sim ao aumento do Salário Mínimo Nacional;

Disseram sim ao congelamento dos preços dos produtos essenciais;

Disseram sim à actualização das pensões dos reformados e dos deficientes;

Disseram sim a uma política económica virada para a resolução do problema do desemprego.

O Povo Português reafirmou que aspira à consolidação dum regime democrático e à constituição dum governo que pratique uma política de esquerda, identificado com os seus interesses, que acompanhe a sua luta, que promova o desenvolvimento económico em seu benefício, que combata o aumento do custo de vida e o desemprego, que ponha cobro ao terrorismo fascista, à recuperação capitalista e às manobras de ingerência e chantagem do imperialismo.

É esta a perspectiva que se nos abre e pela qual temos de lutar tenazmente!

A unidade dos trabalhadores é uma garantia de que venceremos todas as investidas dos nossos inimigos e que prosseguiremos a caminhada da nossa Libertação.

Camaradas:

O Movimento Sindical Unitário, com a sua dinâmica, com a força que lhe confere o facto de ser o movimento unitário de massas com carácter de classe, está intimamente ligado a todas as grandes conquistas do 25 de Abril.

Por isso os inimigos da liberdade e da democracia são inimigos dos trabalhadores e do seu Movimento Sindical Unitário.

Por isso todas as tentativas que visam enfraquecer o Movimento Sindical constituem graves atentados às conquistas alcançadas, às liberdades democráticas, aos trabalhadores e ao seu Movimento Sindical Unitário.

A Intersindical nasceu, nos tempos difíceis do fascismo, concretizando a

vontade unitária dos trabalhadores portugueses, resistiu às ofensivas de Marcelo Caetano e de Spínola e saberá combater mais esta tentativa divisionista.

O processo democrático corre sérios riscos, perante a ofensiva das forças reacţionárias e fascistas. Os trabalhadores portugueses, o povo em geral, têm enfrentado corajosamente a ofensiva das forças do grande capital.

O Movimento Sindical tem desempenhado importante papel no esclarecimento, na unificação, na organização e mobilização das massas trabalhadoras na defesa da Democracia e continuará a desenvolver a sua actividade no sentido de garantir aos trabalhadores uma vida melhor, a Liberdade, a Paz e a Independência Nacional.

As comemorações deste 1.º de Maio devem constituir ponto de partida para alargar, reforçar e defender a unidade do Movimento Sindical, para ampliar a sua acção, para unificar a luta das massas trabalhadoras, de acordo com os interesses mais gerais do movimento operário.

Estamos certos que a preparação e realização, ainda este ano, do Congresso já anunciado pelo Secretariado da intersindical Nacional reforçará a unidade entre os trabalhadores, contribuirá para o desenvolvimento da sua acção de classe e demonstrará o carácter de massas do Movimento Sindical.

Para isso, apelamos à mobilização dos trabalhadores e à sua participação em todos os Sindicatos, Unões e Federações, que alargará e reforçará a nossa unidade e a nossa organização, mantendo bem viva a chama que neste 1.º de Maio nos anima.

Esta grandiosa jornada de Unidade, de Luta e de Festa, demonstra bem que os trabalhadores estão empenhados no alargamento e reforço da unidade e rejeitam massivamente as tentativas divisionistas dos que tentaram, em vão, sabotá-la.

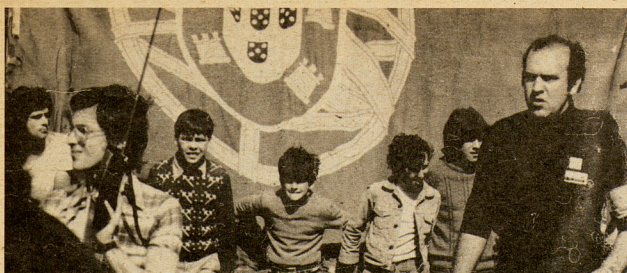
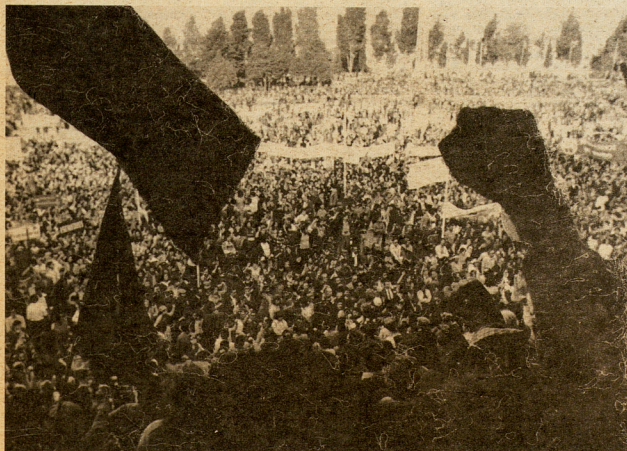
Com a magnífica perspectiva da unidade na acção e com a bandeira dos trabalhadores ao alto, temos confiança num futuro que todos nós queremos livre, democrático e socialista, em solidariedade com todos os trabalhadores, em Paz e Amizade com todos os Povos do Mundo.

VIVA O 1.º DE MAIO!
VIVA A UNIDADE DA CLASSE TRABALHADORA!
VIVA O INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO!
VIVA A INTERSINDICAL!
VIVA PORTUGALI!

Esta grandiosa jornada de luta e unidade terminou com uma sessão de Canto Livre a que se associaram centenas de manifestantes expressando a sua alegria, cantando e dançando de mãos dadas.



FOI NA UNIDADE QUE AVANÇAMOS É NA UNIDADE QUE NOS DEFENDEMOS SÓ NA UNIDADE VENCEREMOS



atavanca

SEMANARIO DA INTERSINDICAL

DIRECTOR INTERINO Jaime Marques Machado

16 paginas - Preço \$500

REDACCAO E ADMINISTRACAO
Rua Vitor Cordon - 1 - 2 - LISBOA

DELEGACAO NO NORTE
UNIAO DOS SINDICATOS DO PORTO - Rua de Santa Catarina 922-1

Telex 38075219 - PORTO

DISTRIBUIDORA RECIMPRESSA

COMPOSICAO IMPRESSAO
HESKA PORTUGUESA

Rua Elias Garcia 25 27 - Venda Nova - Amadora

DIVULGA

atavanca

O ALGARVE FOI TERRA DOS TRABALHADORES

Com a organização da União dos Sindicatos de Faro, do INATEL, da Direcção-Geral dos Desportos e da FAOJ, tiveram lugar, em Faro, os festejos do 1.º de Maio, o terceiro Maio em Liberdade do povo português, depois da era fascista.

Em face da incerteza do tempo, que desde a véspera ameaçava chuva, o programa inicial foi alterado, tendo sido anuladas as provas desportivas programadas.

Assim, pelas 7.30 horas, houve alvorada, com muitas dezenas de foguetes e de morteiros. As 9 horas, mais morteiros e foguetes, no cortejo que se organizou e que percorreu diversas artérias da cidade, abrilhantado pela Fanfara dos Bombeiros Voluntários de Faro, e pelas Bandas Municipais de Loulé e de Moncarapacho. Neste cortejo, incorporaram-se muitas centenas de pessoas.

Pelas 12 horas, verificou-se uma grande concentração, no Largo do Carmo, com a participação de mais de 1500 trabalhadores, os quais desfilarão até à Esplanada S. Luis Parque.

efectuou-se um comício, na citada Esplanada, comemorativo do «dia do trabalhador», no qual intervieram: Francisco Gusmão Branco, do Sindicato dos Químicos e membro do Secretariado da União dos Sindicatos, o qual fez uma breve resenha do significado do Primeiro de Maio e o que esse dia representa para a luta dos trabalhadores de todo o mundo; Alfredo Cravo, do Sindicato dos Corticeiros, também membro do Secretariado da União dos Sindicatos, que falou sobre o que é o Controlo Operário e o que ele representa na força da classe trabalhadora; Fernando Martins de Sousa, do Sindicato da Construção Civil, igualmente membro do Secretariado da União dos Sindicatos, que dissertou acerca da defesa das liberdades e do papel que cabe à classe operária nessa defesa; Marcelino António de Sousa Nascimento, do Sindicato dos Metalúrgicos, também membro do Secretariado da União dos Sindicatos, que tratou dos problemas da Previdência Social, dos Desempregados e dos Reformados, realçando a importância e a

dimensão que eles ocupam na vida de todos os trabalhadores; e, finalmente, José António, membro da Direcção do Sindicato dos Metalúrgicos, que, em breve improvisou, abordou o tema das liberdades, do que elas representam para todo o povo trabalhador deste país e da necessidade da união entre todos para a sua defesa e reforço.

Eram 14.30 horas quando teve lugar o início do piquenique, no Fumeiro, antiga fábrica de destilação de frutos secos e que é actualmente pertença da Comissão de Moradores do Emissor Regional do Sul. Este almoço de confraternização teve a participação de mais de 300 pessoas e decorreu com a maior animação, entusiasmo e espírito de camaradagem e de fraternidade.

Já no seu final, cerca das 17.30 horas, a Banda Municipal de Loulé executou diversas canções revolucionárias, a que os presentes se associaram, num impressionante coro de conflante entusiasmo.

À noite, na grande Esplanada S. Luis Parque, teve lugar uma grande festa artística, com a presença de mais de 3000 pessoas.

Abrihantaram esta festa de variedades, os Grupos Corais da Juventude de Faro, e o do Almada, assim como o conjunto Musical Esquema 4, o Grupo Folclórico da Fuzeta, o Grupo Folclórico de Moncarapacho e o Grupo de Teatro da Mexilhoeira Grande.

Houve, também, poesia revolucionária e outra, a que emprestaram o melhor do seu saber alguns declamadores da região algarvia.

Para assistirem a estes festejos da capital da sua provincia, verificou-se a vinda de trabalhadores de Portimão e de Vila Real de Santo António. Da primeira dessas cidades, deslocaram-se quatro camionetas e da outra uma, que transportaram excursionistas que muito ajudaram a animar os festejos da cidade de Faro, neste Primeiro de Maio em que, pela terceira vez consecutiva, se comemorou, em Liberdade, depois de meio século de terrorismo fascista, o «Dia Mundial do Trabalhador».

Também em SILVES, a cidade da indústria corticeira algarvia, a velha e lendária capital do reino mourisco de Al-Gharb, houve alvorada, com morteiros e foguetes, desfile de trabalhadores e piquenique, tendo decorrido esses festejos com um alto espírito revolucionário, unitário e fraterno.

Em ALTE, a aldeia serrana algarvia que desde sempre festejou o 1.º de Maio à sua maneira, houve os tradicionais festejos, que decorreram com grande brilhantismo.

Verificaram-se a presença de numerosas execuções, cifrando-se em mais de 3000 pessoas as que assistiram a tais festejos.

Noutras vilas e aldeias algarvias, como, por exemplo, ESTOI, também o 1.º de Maio foi alegremente festejado, tendo-se realizado, inclusivamente, a par de outras manifestações desportivas e culturais, os tradicionais «Jogos Florais» de Estoi.

SANTARÉM RESPONDEU: PRESENTE!

SANTARÉM Excedeu todas as expectativas a participação das massas populares nas comemorações do Dia do Trabalhador em Santarém. Efectivamente, mesmo havendo festejos em várias localidades próximas daquela cidade, foram muitas as pessoas que não conseguiram entrar no Pavilhão da Agricultura, no Largo da Feira do Ribatejo, onde teve lugar o Comício.

Da parte da manhã, conforme o programa, realizaram-se práticas desportivas e culturais, sendo de salientar além da ginástica artística, actividades como a pintura colectiva, pintura de morais e teatro de fantoches.

Pelas 15 horas, realizou-se uma concentração no Largo do Seminário, seguida de um desfile em direcção ao Pavilhão da Agricultura, no qual se incorporaram mais de 3000 trabalhadores.

O comício abriu com uma intervenção do camarada Joaquim Lopes Lino, da União dos Sindicatos de Santarém, que referiu a celebração, pela terceira vez consecutiva, deste 1.º de Maio como jornada de unidade de todos os trabalhadores na luta pela defesa das conquistas alcançadas.

Usaram ainda da palavra uma

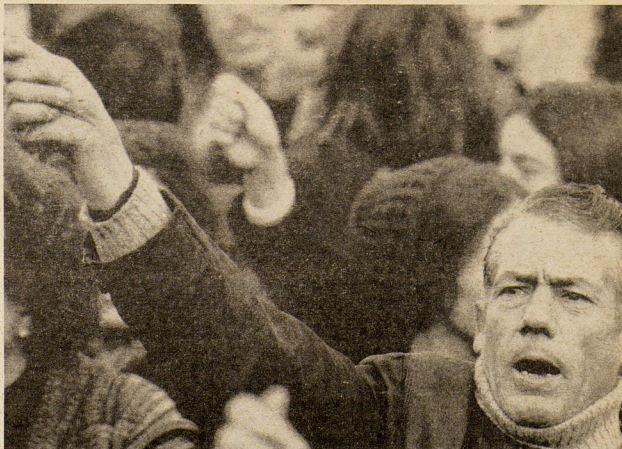
trabalhadora do Comércio e elementos da comissão de trabalhadores da Ilídio Monteiro (construção civil), que salientaram o papel a desempenhar pelas Comissões de Trabalhadores na luta pelo avanço do processo revolucionário, a caminho do socialismo.

Os festejos viriam a terminar num grande e animado convívio de todos os trabalhadores com a participação do Orfeão Scalabitano, dos Ranchos Folclóricos da Ribeira de Santarém, Vale de Santarém, Almeirim, Riachos e ainda do Rancho de Danças e Cantares de Ribeira de Santarém.

De registar ainda a efectuação de uma recolha de fundos a favor do movimento sindical, que rendeu cerca de 3000\$00.

OUTRAS LOCALIDADES

O 1.º de Maio, como dia que é dos trabalhadores, foi também celebrado com grande participação dos trabalhadores em Benavente, Tramagal, Torres Novas, Alpiarça, Couço e Cartaxo. Por toda a parte, pois, os trabalhadores se uniram para, num misto de festa e de luta, se juntarem aos trabalhadores de todo o mundo, na comemoração desta histórica data do 1.º de Maio.



UNIDADE SINDICAL CONTRA O CAPITAL

15 MILHÕES DE DESEMPREGADOS NOS PAÍSES CAPITALISTAS

Apesar das previsões otimistas dos economistas e sociólogos do capitalismo, a situação no mercado do trabalho no mundo capitalista deteriorou-se incessantemente desde o começo dos anos 70. Devido à crise econômica de 1974-1975, o problema do emprego assumiu um caráter excepcionalmente grave. A redução da produção nos sectores-chave da economia (indústria automóvel, aeronáutica, construções navais, metalurgia, transformação de metais, etc.), os despedimentos maciços e a introdução nas empresas da semana de trabalho reduzida, provocaram um crescimento do exército de reserva do trabalho sem precedentes nas últimas décadas. Durante os três primeiros trimestres de 1975, segundo as estatísticas oficiais, o

número de desempregados totais nos países capitalistas manteve-se a um nível recorde no período do pós-guerra — 15 milhões de pessoas.

O desemprego mais elevado verificado durante os nove primeiros meses registou-se nos Estados Unidos com 8,7% (Julho) e na Dinamarca com 9,2% (Junho) em relação ao total da população activa, seguem-se o Canadá com 6,2% (Julho), a Bélgica com 6,1% (Junho) e a Itália com 5,6% (Junho) e a França com 4,5% (Agosto). A percentagem de desempregados aumentou de forma particularmente brutal em países que, num passado relativamente recente, tinham falta de mão-de-obra, na RFA atingiu 4,5% (Agosto) e no Japão 1,7% (Junho).

As estatísticas oficiais não

registam todos os desempregados.

Frequentemente, as pessoas que perderam a esperança de encontrar trabalho e deixaram de procurá-lo não estão inscritas nas bolsas do trabalho. Esta categoria de desempregados atíngia, por exemplo, nos Estados Unidos, segundo os dados da imprensa, 1.100.000 pessoas por volta de Junho de 1975. Os diplomados das escolas e institutos que não encontram aplicação para os seus conhecimentos nem sempre são imediatamente registados. As estatísticas ignoram os desempregados parciais, cujo número atingiu, em 1974, nos países capitalistas desenvolvidos, cerca de 10 milhões de pessoas. No final do primeiro semestre de 1975, só nos Estados Unidos, foi imposta

a 3,9 milhões de trabalhadores a semana de trabalho reduzida.

Produziram-se grandes alterações na composição social dos desempregados. Pela primeira vez desde os anos 30, o desemprego atingiu seriamente os trabalhadores intelectuais, os especialistas diplomados. Hoje, entre as pessoas que perderam o trabalho há muitos empregados e funcionários, trabalhadores do ramo de serviços e do comércio. Os empregados, por exemplo, representavam cerca de 25% do conjunto de desempregados no começo de 1975 (Fevereiro). O aumento da utilização do trabalho feminino provoca um aumento do número de mulheres que perdem o seu trabalho. Nos Estados Unidos, por exemplo, 30,3% dos desempregados eram mulheres em 1950, e 41,7% em 1975 (Fevereiro). A parte relativa

da juventude sem trabalho aumentou consideravelmente. Nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha, em França e na RFA, as pessoas com menos de 25 anos constituem de 20% a 35% dos desempregados.

O aumento, invulgar pelas suas dimensões, do desemprego, o alargamento da composição social do exército dos desempregados, a baixa brutal do nível de vida em consequência da alta constante dos preços e da inflação, tudo isto aumenta consideravelmente o sentimento de incerteza no futuro e também o descontentamento social da esmagadora maioria dos assalariados. Assim se explica a decisão cada vez maior dos trabalhadores — apesar da crise — de lutarem contra a arbitrariedade dos monopólios, pela garantia do emprego, pelo direito ao trabalho.

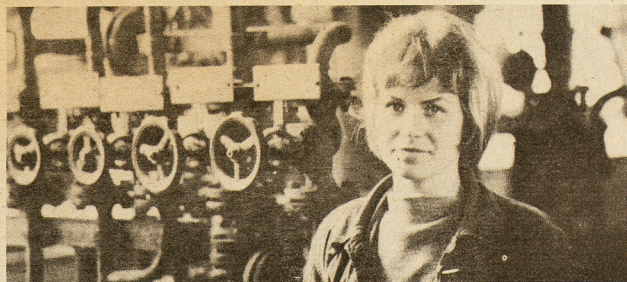
A MULHER E A ECONOMIA CHECOSLOVACA

Na Checoslováquia do pós-guerra, a posição político-social de mulher mudou radicalmente. «O homem e a mulher têm a mesma posição na família e nas actividades públicas. A posição de igualdade da mulher, na família, no trabalho e na vida pública é garantida por um reajustamento especial das condições de trabalho e uma especial atenção no período da gestação e da maternidade, pelo desenvolvimento de instalações e serviços que permitem às mulheres aproveitar todas as suas capacidades para a participação na vida da sociedade.»

Para ilustrar que se põem em prática estes dois estipulados da Constituição da República Socialista da Checoslováquia, basta mencionar que em funções na Assembleia Federal há uma percentagem de mulheres da ordem dos 25,7%, nos Comités nacionais mais de 23% e em funções sindicais mais de 40%. Mas sem dúvida que a mudança mais radical da posição da mulher na Checoslováquia do pós-guerra, é a que se operou com a sua participação no trabalho. Em 1973, da totalidade dos seus 14 milhões 635 mil habitantes, 7.248.000 estavam incorporados no processo da produção e, entre eles, 3.450.000 eram mulheres. Por outras palavras: as mulheres constituem 47,6% de todos os trabalhadores checoslovacos, número que situa a

Checoslováquia entre os países com a maior participação activa da mulher no trabalho. Isto tem uma importância excepcional, não apenas para a economia checoslovaca, que apresenta uma escassez premente de mão-de-obra em muitos sectores, como também para as próprias mulheres, pela sua emancipação e a sua plena igualdade participativa na vida da sociedade. Por sua vez, há que destacar que a Checoslováquia está sistematicamente criando condições práticas que permitem harmonizar os três factores fundamentais da mulher na sociedade socialista: a sua missão como mãe, a sua actividade como trabalhadora e a sua participação na administração e gestão da sociedade.

O Código do trabalho, documento fundamental nas relações jurídico-laborais, não apenas garante à mulher trabalhadora os mesmos direitos que ao homem (como, por exemplo, o mesmo salário pelo mesmo trabalho), como também assegura muito detalhadamente as condições de trabalho, permitindo-lhe participar nele, não apenas tendo em vista as suas condições físicas, mas sobretudo tomando em consideração a sua função social na maternidade, na educação e nos cuidados com os filhos. A título de exemplo: o Código de trabalho proíbe terminantemente empregar a mu-



lher nalguns trabalhos não apropriados e limita estritamente o trabalho nocturno da mulher. A mulher trabalhadora na República Socialista da Checoslováquia beneficia de um período de férias maternais pagas dois meses mais do mundo — 26 semanas — e reforma-se entre os 54 e os 57 anos, de acordo com o número de filhos. O Código obriga directamente a que as empresas construam, mantenham e aperfeiçoem as instalações higiénicas e sociais para as mulheres, as creches junto das empresas, as escolas infantis, cantinas escolares, círculos adjuntos a escolas e clubes da juventude, subordinando o seu funcionamento às necessidades da mulher e mãe trabalhadora.

De facto, o objectivo que se pretende atingir na Checoslováquia não toma apenas em consideração a incorporação numérica da mulher no processo de trabalho. Ao mesmo tempo criam-se as condições indispensáveis, particularmente no campo da educação e da instrução, que permitam que as mulheres adquiram uma qualificação superior e, consequentemente, um posto mais responsável na produção em particular e na economia em geral. O testemunho disso está por exemplo

no facto de, entre o número total de 277.945 alunos matriculados nas escolas profissionais e especializadas médias, no ano de 1973-74, ser de 153.985 o número de raparigas. E entre os 108.000 estudantes universitários, havia quase 44 mil mulheres.

Apesar do trabalho da mulher ser absolutamente indispensável para a economia checoslovaca de hoje, isso não significa que nesse sector não haja problema.

Pretender incorporar no processo de trabalho, todas as mulheres aptas

para trabalhar, sem tomar em conta as suas condições individuais e familiares, seria tão errado como mantê-las no lar. Eis porque a Checoslováquia procura, permanentemente, pontos de vista óptimos para a fusão harmoniosa do papel que a mulher joga na família com o que desempenha no trabalho e na vida pública, a fim de desempanhar com a maior satisfação possível para ela própria, a sua participação no desenvolvimento da sociedade socialista.

CONCELHO GERAL

Convoca-se o Conselho Geral da Intersindical Nacional, ao abrigo do artigo 43.º dos seus Estatutos, para reunir na próxima 2.ª-feira, dia 10 de Maio, pelas 15 horas, na sede da Intersindical, a fim de se pronunciar sobre:

PEDIDO DE EXTINÇÃO JUDICIAL DA INTERSINDICAL NACIONAL PELO MINISTÉRIO DO TRABALHO

O SECRETARIADO

A UNIDADE NÃO SÓ É POSSÍVEL COMO CORRESPONDE AOS ANSEIOS DOS TRABALHADORES

(Continuação da pág. 7)

lação trabalhadora. As terras dos grandes agrários só eram tratadas na medida das necessidades de lucro dos seus proprietários. Por isso mesmo, uma grande parte destes terrenos encontravam-se incultos, ou reservados para terrenos de caça, dos ricos e poderosos.

Os latifundiários preocupavam-se,



apenas, em explorar com o menor investimento possível e com um reduzido número de trabalhadores, de forma a conseguirem grandes lucros.

Em consequência desta política dos senhores da terra, o desemprego crescia entre os trabalhadores rurais. Hoje, a Reforma Agrária veio resolver o problema do desemprego no Alentejo. Os trabalhadores rurais aumentaram, em muito, a área cultivada, e a produção subiu significativamente, ultrapassando, largamente, a melhor colheita da última década. Por via disso, o nosso País não necessitará, neste ano, de depender tantos milhões de contos com a importação de géneros alimentícios.

Apesar do muito que já foi feito, a Reforma Agrária não passou, ainda, da sua fase inicial: é necessário que o sector intermediário seja correctamente reestruturado, acabando-se, de uma vez para sempre, com os intermediários parasitas. Só deste modo, se conseguirão criar circuitos de distribuição que tenham em conta os interesses dos consumidores, que passarão a pagar os produtos por preços mais baixos. Há ainda que melhorar as condições de abastecimento de equipamentos, adubos, sementes, etc., aos produtores. Tudo isto, camaradas, é a Reforma Agrária.

A Reforma Agrária, no entanto, não interessa só aos trabalhadores do Alentejo. Os caseiros e pequenos lavradores, que antes viviam na mais completa dependência dos grandes agrários, e que por eles eram intencionalmente explorados, podem agora juntar os seus esforços aos dos trabalhadores agrícolas, tirando da terra tudo o que ela pode dar.

Destá maneira, salem beneficiados os trabalhadores dos campos, e

toda a população trabalhadora do país.

No Norte, não há um número significativo de latifundiários. Mas os grandes proprietários de terras não deixam, por isso, de explorar desamadamente os rendeiros. Os trabalhadores agrícolas do Norte do País, não têm direito a férias, não recebem salário mínimo e não têm leis que os protejam contra os despedimentos e os abusos dos patrões.

Como é do conhecimento dos trabalhadores, há uma Lei do Arrendamento Rural que pretende corrigir os desmandos dos patrões. Apesar disso, as entidades responsáveis não têm actuado de forma a garantir o seu cumprimento.

Camaradas:

— Se os circuitos de abastecimento às Cooperativas Agrícolas, aos pequenos e médios proprietários forem melhorados;

— Se o Estado assegurar directamente esse abastecimento nas melhores condições de qualidade e quantidade;

— Se se combater de uma forma consequente o monopólio do abastecimento nas mãos dos grandes armazénis;

— Se forem eliminados dos circuitos de distribuição inúmeros intermediários parasitas;

— Se a Lei do Arrendamento Rural se cumprir no Norte do País, e se os trabalhadores agrícolas do Sul puderem colher e semear em terras antes incultas, teremos, então, uma completa Reforma Agrária, que a todos beneficiará.

Os grandes agrários, e todos aqueles que não têm nenhum interesse em que as terras sejam colocadas ao serviço dos trabalhadores, tudo têm feito para lançar dúvidas entre a população servindo-se do poder económico que ainda dispõem, tudo fazem para manter os trabalhadores mal informados sobre a Reforma Agrária. Ultimamente, porém, esses elementos já não são capazes de encobrir aquilo que os números vão revelando em diversos jornais e revistas, quer como resultado de trabalho jornalístico, estudos, ou até em documentos governamentais. Os trabalhadores, ao defenderem a Reforma Agrária até à sua completa concretização, no Sul como no Norte do País, estão a defender os seus próprios interesses.

Camaradas:

O patronato luta contra todo o controlo efectuado pelos trabalhadores. Habitado a fazer aquilo que muito bem entendia, apoiado como era pelo aparelho repressivo fascista, os capitalistas não admitem que os trabalhadores possam resistir às suas prepotências, ou se opunham aos desvios de fundos que comprometem a existência das empresas.

O Controlo Operário, camaradas, procura evitar a sabotagem económica da empresa, controlar a utilização dos dinheiros públicos, por exemplo dos bancos, não permitindo que sejam desviados para fins particulares, procura evitar ainda que as empresas nacionais sejam desprezadas, evitando a importação de

produtos que possam ser fabricados no nosso País, etc.

O Controlo Operário não é, nem pode ser feito, apenas, pelos operários. Todos os trabalhadores devem participar no controlo das empresas, embora a força determinante se situe ao nível da produção.

O Controlo Operário:

— salvaguarda a segurança do emprego, pela defesa da viabilidade económica da empresa;

— zela pela correcta aplicação dos lucros da empresa, de modo a que sejam utilizados na renovação do equipamento e na melhoria das condições de vida e de trabalho de todos os trabalhadores da empresa.

Nas empresas nacionalizadas ou com intervenção do Estado, o Controlo Operário é fundamental para obrigar a definir uma orientação que coliga estas empresas ao serviço dos trabalhadores e da economia nacional.

Defender o controlo operário, reivindicar a lei que garante a sua aplicação, auxiliar os camaradas na empresa a organizá-lo, é simultaneamente, defender os interesses de todos os trabalhadores.

Camaradas:

Os patrões não cumprem os Contratos Colectivos em vigor. A conversa é sempre a mesma. Não têm dinheiro, não podem pagar. Também aqui, camaradas, o Controlo Operário pode desempenhar um papel muito importante. Com as empresas controladas, nós saberemos se os patrões podem ou não pagar, se podem ou não cumprir os contratos conquistados pelos trabalhadores. A prova mais evidente de que o «choradinho» dos capitalistas é falso e demagógico, é que eles se opõem,



fortemente, à prática do Controlo Operário. Se eles não podem realmente pagar, porque se opõem então à fiscalização dos dinheiros da empresa? Será que desse modo podem mais facilmente boicotar e adiar a conquista de novos contratos mais favoráveis aos trabalhadores? É CLARO QUE SIM, camaradas, é isso, e eles sabem-no bem.

Camaradas:

O processo de contratação, a luta por melhores salários contra o aumento do custo de vida, será mais fácil e mais favorável para os trabalhadores se o controlo operário for

uma realidade em todas as empresas, em todos os sectores.

Esta é mais uma razão, e de peso, para lutarmos firmemente pelo Controlo Operário da produção.

— PELAS NACIONALIZAÇÕES AO SERVIÇO DOS TRABALHADORES

— EM FRENTE PELA REFORMA

AGRÁRIA DE NORTE A SUL DO PAÍS

— EM FRENTE PELO CONTROLO OPERÁRIO

— VIVA A UNIDADE DO MOVIMENTO SINDICAL

— VIVA A UNIDADE DOS TRABALHADORES

— VIVA O 1.º DE MAIO

É PRECISO CONCRETIZAR A UNIDADE

Os trabalhadores reunidos nesta grandiosa jornada de unidade comemorativa do 1.º de Maio no Porto,

1. Declaram a sua vontade firme e unânime de reforçarem a sua unidade claramente demonstrada nesta jornada, e a sua organização nos locais de trabalho, no movimento sindical, nas comissões de trabalhadores.

Unidade na defesa das liberdades democráticas e no combate ao terrorismo.

Unidade na defesa das Nacionalizações, do Controlo Operário, da gestão das empresas pelos trabalhadores, da Reforma Agrária e contra as manobras de recuperação capitalista.

Unidade na defesa do direito ao trabalho e da actualização dos salários, contra o aumento do custo de vida e a falta de géneros, contra o desemprego.

2. Saudam a entrada em vigor no dia 25 de Abril de 1976, da Constituição, na qual estão consagradas as conquistas fundamentais do Povo português alcançadas desde o 25 de Abril, como importante vitória de todos os trabalhadores, e declaram a sua determinação de lutarem pelo cumprimento da Constituição.

3. Reclamar que a unidade demonstrada pelos trabalhadores portugueses nas recentes eleições para a Assembleia da República com a derrota de todos quantos pretendiam liquidar as conquistas e direitos alcançados, seja concretizada na formação do próximo Governo, de modo a que este realize uma política correspondente aos interesses dos trabalhadores, de modo a que realize uma política de defesa e consolidação das Nacionalizações, da Reforma Agrária, da gestão das empresas pelos trabalhadores, do Controlo Operário, de combate firme ao terrorismo, para o completo restabelecimento das liberdades democráticas, da paz e tranquilidade em todo o território nacional, de estabilização dos preços de bens essenciais, e de solução real do problema do desemprego, de imposição de cumprimento pelo patronato dos CCT, de reconstrução da nossa economia de acordo com os interesses dos trabalhadores e não à custa dos trabalhadores.